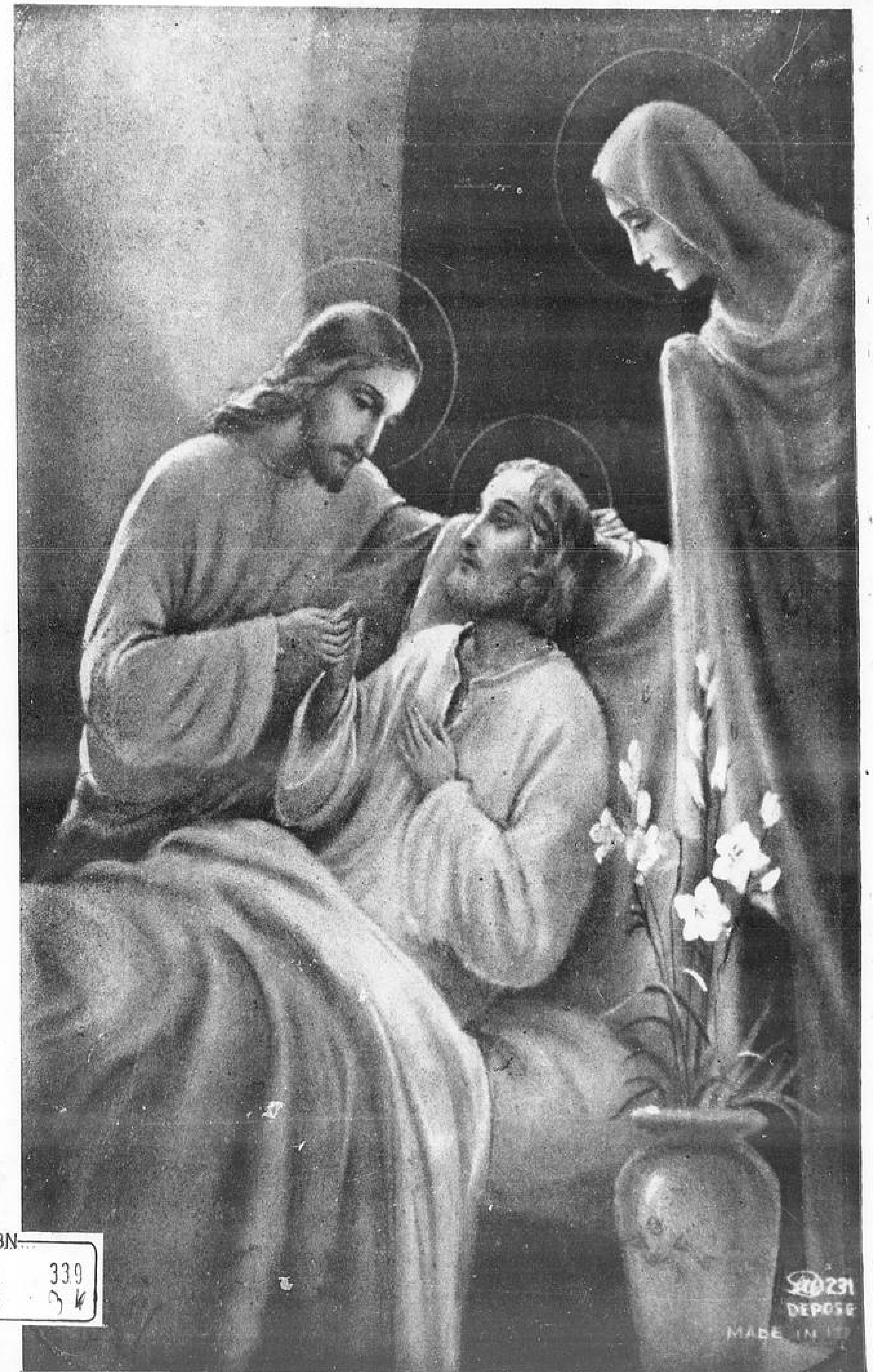




BN
1 339
3 24

231
DEPOSE
MADE IN U.S.A.

A TORRE EIFFEL

97·RUA DO OUVIDOR·99

*Artigos finos
para cavalheiros
de bom gosto.*



QUALIDADE E DISTINÇÃO

Royal Exchange
FUNDADA EM 1750
Assurance
COMPANHIA INGLEZA DE SEGUROS
TERRESTRES E MARITIMOS

Companhia Paulista de Seguros
FUNDADA EM 1906
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

Legal and General
Assurance Society
LIMITED
COMPANHIA INGLESA DE SEGUROS

3 **SOLIDÍSSIMAS**
COMPANHIAS DE SEGUROS
REPRESENTADAS NO RIO POR
MURRAY, SIMONSEN & C. LTDA

Mensageiro de N. S. Menina

ANO II

RIO DE JANEIRO — MARÇO DE 1942

N.º 23

Redação e Administração: Capela de N. S. Menina — RUA OTO DE ALENCAR, 20 — FONE 28-7823.
Escritório: RUA DA CONSTITUIÇÃO, 10-1.º and. — FONE 22-7368

DIRETOR: DOM CARLOS DUARTE COSTA (Bispo de Maura)

Defensores dos fracos e oprimidos!...

Conciliar de fato o respeito da autoridade com proteção aos fracos, tal é o difícil e temível problema que em todos os tempos preocupou as sociedades humanas.

O respeito da autoridade é sem dúvida uma das mais essenciais necessidades dos agrupamentos sociais; poderíamos dizer — **uma condição necessária da sua existência.**

Ao maior número, com efeito, falta a vista de alto a baixo, falta a perseverança, — **qualidades sem as quais a humanidade não progride.**

As grandes evoluções da história, digam o que disserem, tiveram por essencial motor um **homem**. A antiguidade chamava a este homem, especialmente designado pela Providência para esta missão, semi-deus ou herói. Platão chamava-lhe **homem divino**. A Igreja dá-lho o nome de **santo**.

Toda a gente tem na memória o famoso aforismo: **Humanum paucis vivit genus**. Sim, o Gênero humano viveu muitas vezes para um pequeno número de homens, mas também não podia viver sem essa **elite** que lhe mostrou o caminho e que o conduziu ao fim.

É muito profunda a etimologia desta palavra tão pouco compreendida hoje: "autoridade"; autoridade vem da palavra **auctor** e que quer dizer **o que cria**. É efetivamente a autoridade que cria as famílias e as nações.

Um outro princípio não menos necessário é a **proteção aos fracos**. Não é somente na história dos animais que se vê a massa dos fracos devorada por alguns fortes. Na história dos homens verificamos também esta tendência em oprimir, que é talvez o caráter mais acentuado e mais odioso do pecado das nossas origens.

Como é lamentável esta série ininterrupta de injustiças sangrentas, de brutalidades cínicas, que

vai dos gigantes da Bíblia ao crime do Calvário! Por toda a parte, e incessantemente, o homem mais forte é para o homem mais fraco como o lobo para o cordeiro. E, infelizmente, os cordeiros são o maior número na humanidade. Si as sociedades querem viver e não deixam conduzir-nos, por uma parte, à penúria de homens que aniquilou outrora as nações escravistas e, por outra, às revoltas periódicas dos fracos em que naufraga toda a civilização, é preciso reagir contra este estado de natureza, opôr barreiras aos apetites, numa palavra, proteger os fracos.

Eis, pois, dois princípios igualmente necessários à vida social que é preciso conciliar.

A antiguidade julgou resolver o problema, sacrificando o segundo princípio ao primeiro. Não viu senão princípio da autoridade a defender e cuidou pouco da proteção dos fracos. Por isso, apesar de armada com o mais terrível maquinismo de opressão que jamais existiu, esta civilização naturalista pereceu nas guerras dos escravos, cedendo o lugar à nova organização que a vencera.

O cristianismo não dissimulou a dificuldade deste papel. Mas, ao mesmo tempo que reconhecia a necessidade dos dois princípios, o seu Evangelho expusera a solução do problema.

Lutara em primeiro contra o espírito de revolta tão natural dos oprimidos. Colocando num outro mundo a compensação das injustiças deste, estigmatizando a violência, recomendando que se pagasse o mal com o bem, pondo finalmente o amor pelos nossos semelhantes na base de todos os mandamentos, pôde acreditar com razão que fizera bastante para a salvaguarda da autoridade.

Por outro lado, instituindo uma corporação universal e imortal, encarregada de realizar na terra as promessas de Cristo: **Vinde a mim vós todos os que padeceis; eu vos consolarei**, corporação que de-

via servir ao mesmo tempo de tribunal de arbitragem, de barreira, de refúgio, e que devia chamar-se a Igreja, o cristianismo estabelecera em bases indutíveis a proteção aos fracos.

A Igreja disse então: "Oprimidos, não mais revoltas que, comprometendo a ordem social, só podem ter por resultado o caos ou a reação. Confie-me os vossos interesses; entregai-me ao meu cuidado a defesa da vossa justiça. Sem derramar outro sangue além do meu, sem abalar uma só das bases da ordem social, saberei fazer curvar a cabeça aos tiranos".

E através dos séculos, a Igreja cumpriu as suas promessas, defendendo os fracos contra a força brutal, contra a tirania, contra os abusos da riqueza, as três formas da opressão. E foi assim que os escravos avançaram aos milhões para o coração da Igreja. E vemos um Santo Ambrósio exortando a venda dos vasos sagrados, para resgate dos cativos, porque, diz ele: "O ornamento dos mistérios é a redenção dos cativos". E S. Cipriano que, no meio das perseguições, achava tempo para reclamar a coleta dos fiéis, não para ele, nem para seus sacerdotes, mas para resgatar alguns cativos na fronteira por bandos de Árabes.

Mais tarde é S. Gregório o Grande que emancipa os escravos dos seus numerosos domínios e motiva as manumissões, dizendo: "Visto que o nosso Redentor, autor de toda a criação, quis tomar a carne do homem para que o poder da sua divindade despedaçasse a cadeia da nossa escravatura e nos restituísse a liberdade primitiva, é obrar de um modo salutar ter piedade dos homens que a natureza fizera livres, que o direito das gentes reduzira à escravatura, e de os restituir, pelo benefício da manumissão, à liberdade para que nasceram."

Estas as máximas que formaram a alma do grande trabalho da Igreja na Idade Média na emancipação dos escravos, máximas que ecoaram tão profundamente no coração de Santo Elói, obrigando-o a fugir dos palácios dos reis para apresentar-se na praça pública, esperando com verdadeira paciência o momento da chegada dos cativos, para comprá-los e emancipá-los na basílica aos pés do Salvador.

A Igreja, que vencera os "Senhores", preparase para a luta dos opressores, nas invasões germânicas.

E' sempre a Alemanha a perturbar a ordem da sociedade, é quando os defensores dos fracos e oprimidos, os Bispos, enfrentam os bárbaros, colocando-se à testa das populações vencidas. Aqui temos um Sinésio, defendendo sua cidade episcopal contra a tirania do governador; em Arles, encontramos S. Hilário, escutando as queixas do povo, de madrugada, e apaziguando as diferenças, qual verdadeiro juiz de paz, dirigindo-se, em seguida, para a Igreja, onde celebrava, pregava e ensinava horas a fio, voltando para a casa, onde conservava suas portas abertas para atender a todos. Trabalhava também manualmente, ora fiando para os pobres, ora cultivando os campos da sua Igreja. Assim decorria o seu dia, no meio do povo, em ocupações graves, úteis, de um interesse público que a cada hora colhia o seu resultado.

A vida de S. Lóbo já não era a mesma. Os seus costumes eram mais austeros, a sua atividade menos variada; vivia pobremente, e a rigidez do seu

procedimento, a assiduidade da sua oração, eram sem cessar celebradas pelos seus contemporâneos. Por isso exercia maior ascendente pelo seu exemplo geral do que pelo detalhe das suas ações. Impressionava a imaginação dos povos, a tal ponto que, segundo uma tradição, Atila, deixando a Gália, levou-o consigo até à margem do Reno, julgando que este santo homem protegeria o seu exército.

Em Limoges, temos o Rei Chilperico, comovido ou assustado pelas reclamações de Santo Yriex, entregando ao Santo Bispo os papéis das pesadas contribuições com que gravava as populações, e o Bispo fazendo queimar tudo em praça pública para tranquilizar seus diocesanos. Noutra ocasião, eis o Bispo abrindo as portas dos cárceres aos condenados, à morte, quebrando-se as fechaduras e as cadeias com a presença do Santo Bispo no local.

Em Treves, vemos S. Aniceto enfrentando a cólera do Rei Thierry.

Os homens de Deus vivem para o seu Deus, procurando na defesa dos fracos e oprimidos, as chagas morais abertas pelos grandes e tiranos da terra no Coração dulcíssimo de Jesus.

Dura é a hora presente da humanidade.

Milhares e milhares de vítimas lá estão nos países oprimidos por Hitler. E a mão do Senhor ainda não se levantou. Manus Domini tetigit me, dizem todas as populações famintas; manus Domini tetigit me, dizem as viúvas e os órfãos desta tremenda carnificina. O Senhor parece surdo às nossas preces. Não é que a nossa fé vacile, mas os nossos costumes, a nossa vida, estão longe, muito longe dos ensinamentos de Cristo. Sobretudo, a caridade, o amor do próximo, fugiu por completo da sociedade hodierna, para dar lugar ao egoísmo, ao bem estar pessoal.

Mais do que nunca, precisa o mundo que surjam os verdadeiros defensores dos fracos e oprimidos! Precisa a Igreja de Santos Bispos, verdadeiros Pastores de almas! Estes são os verdadeiros defensores dos fracos e oprimidos!... porque firmam a sua autoridade, não nos preconceitos humanos de uma sociedade sem Deus, não nas vaidades humanas, não nas mentiras sociais, mas no puríssimo amor de Deus, confundido com o verdadeiro amor do próximo.

Esta guerra é um castigo de Deus, para purificação da humanidade, desde o mais graduado, que vive cheio de um orgulho inconcebível na verdadeira autoridade, até o mais humilde revoltado com uma pobreza, que nos designios de Deus póde ser o caminho direto para a posse do Céu!...

Todos somos justamente castigados. À humanidade, porém, falta a compreensão deste justo castigo!

Volte ao mundo a liberdade, que custou tão caro ao próprio Deus, na Encarnação do Verbo!

MODA DE HOJE COUTINHO

Aceita-se também o tecido para confecção

ALFAIATE

Uruguaiana, 96 Fone: 43-6053

Para que todo o Brasil Saiba...

Resenha dos fatos mais importantes — NOSSO COMENTÁRIO

Diabólico plano estratégico japonês de dominação do Brasil



O famigerado Plinio Salgado entre um grupo de filhos de Japoneses. O chefe das camisas verdes agia em combinação com os fascistas, nazistas e amarelos.

Audacioso o plano japonês para evitar o cooperação brasileira no triunfo da causa democrática. Passamos para as nossas páginas, para que fique arquivado.

Um filho de japonês nascido, e criado e educado no Brasil, acaba de dirigir a uma alta autoridade uma longa carta em que denuncia toda a organização dos nipões em São Paulo. Revelando profundos sentimentos nacionais, o missivista pede, por motivos óbvios, que o seu nome seja ocultado na divulgação das informações verdadeiramente impressionantes. Da carta que é longa, damos abaixo os trechos principais:

"Sou nipo-brasileiro, conto meus vinte e tantos anos, mas sou tão brasileiro quanto os que mais o sejam. E si

meus pais, que muito quero, amam o quanto devem o seu longínquo Japão, não o fazem, nem podem fazê-lo, com mais força ou intensidade do que faço pelo meu Brasil, que está, por ser minha terra, é de fato minha verdadeira e única Pátria. Cumpre-me, por isso, defendê-la com o risco de minha própria vida como a meus pais também cabe defenderem o seu Japão, mas isso lá, no Oriente distante, tão somente, e nunca aqui, dentro de nossa casa, com organizações suspeitas, reprováveis e condenadas por nossas leis tão liberais e até, ingênuas. Essas organizações inadmissíveis, por misteriosas e de finalidades indeculpáveis em terra leal, que com inusitada sinceridade

de abre suas portas largas ao estrangeiro, impedem que, filho de japoneses como sou, possa revelar minha identidade real como era meu grande desejo. É que me consideram também japonês, porque desgraçadamente fui registrado no consulado quando nasci, e isso faz que, num momento como este, ou em outro qualquer, se eu tomar uma atitude em prol de minha verdadeira Pátria, contrariando pôem, desaparecerei irremediavelmente dentre os vivos, os interesses de outra que não é a minha mas que me imsem saber como, sendo "expurgado"!

Não há possibilidade, de forma nenhuma, de qualquer filho de japonês — como no meu caso — acinolosamente fugir a compromissos da Pátria que nunca assumimos para com o Japão, e que nos foram impostos ao nascermos. E' nos vedado inteiramente declarar-mo-nos exclusivamente brasileiros. — Nossos pais, podem ser, e são somente japoneses, com a circunstância de o serem fanaticamente. A nós, só nos permitem nos declararmos brasileiros com a finalidade exclusiva de "tapeação" dos brasileiros de verdade, que não têm sangue nipônico, e, o que é mais doloroso, desde que tal declaração venha resultar, em benefício de quaisquer inconfessáveis interesses do Japão. — E' assim que somos educados no lar e nas escolas clandestinas, regidas por mestres que são verdadeiros cabos de tropa, aos quais temos de obedecer cegamente, dever que também se estende a nossos pais. Não há fugir, porque o consulado está alerta e exerce sobre todos a mais rigorosa e ferrenha fiscalização.

SÓ PARA USO EXTERNO

O Brasil, para nós, filhos de japoneses, em nosso conceito, só deve existir como nosso, para uso externo, isto é, fora de nossos lares. Portas a dentro, é o Japão e nada mais; língua, a japonesa; religião, a de nossos pais; tradições, a que eles trouxeram nas dobras do quimono ou nos escaninhos das caixas de xará; governo, o de lá, o micado, cujo representante é o cônsul, indivíduo da máxima autoridade, onipotente, absoluta e com força que nunca possuiram nossos tuxúas. Permitam que diga "nossos tuxúas", porque sou brasileiro, amo o meu Brasil e por ele morrerei com o mesmo misticismo do japonês incauto e que não tem o direito de discutir. Este morre porque lhe ordenam que assim o faça pelo Japão; eu, como todos nós, morro pelo meu Brasil, se for preciso, mas concientemente, sabendo o que faço, ciente e plenamente conciente de meus direitos e deveres. É o que farei, amanhã, sendo necessário, a despeito das organizações secretas japonesas aqui existentes e não obstante quaisquer ordens do consulado ou da embaixada. Não estou traíndo meus pais, pessoas a quem amo como bom filho, mas assim tão somente estou pugnando pelo meu Brasil, e isto é tudo para mim. Tenho aprendido, na escola, e na prática, que me assistem direitos e que tenho deveres para com a minha terra, tão sagrados e legítimos quanto os de meus pais para com o Japão. Por isso repito, não sou traidor, nem delator e muito menos espião. Ao contrário, sou patriota. Diz-me a consciência. Cabe, aqui, portanto, que conte ao Brasil inteiro, a todos os meus patrícios e principalmente às nossas autoridades, fatos gravíssimos de importância capital, para a segurança nacional e fatos que sei, embora pela rama, por que me emprestam essa dolorosa situação de ser japonês e brasileiro a um só tempo: — japonês por obrigação de fato, e brasileiro, de direito, mas tão somente para agir em benefício do Japão!.. Vou relatar casos que sei, poucos por enquanto, que não posso esconder e silenciar por mais tempo. Relato-os

para que o governo e nossas autoridades, ingênuas e bondosas os saibam, dado que o nosso Brasil corre grande perigo alimentando tremendo inimigo dentro de nossas fronteiras; relato-os para que possa haver repressão à altura da gravidade da situação, para que possa haver a indispensável defesa, e, principalmente, para que milhares de brasileiros — os filhos dos japoneses — consigam integrar-se na própria Pátria. Uma ação bem determinada, bem aplicada, levada avante com patriotismo acima de tudo, poderá eliminar o terrível inimigo, anular-lhe as investidas à sorrelfa, cortar-lhe os tentáculos e fazer que vença o Brasil dentro do próprio Brasil.

ORGANIZAÇÃO MILITAR

Assim, conto: — 1.º — os japoneses de São Paulo e de todo o Brasil estão perfeitamente organizados militarmente, com divisões, brigadas, regimentos e batalhões, com comandantes capazes e na sua maioria oficiais do exército japonês, alguns deles generais com curso de comando e de estado maior, para cá despachados com a missão especial de chefes do exército nipônico no Brasil, e assim são cegamente respeitados e obedecidos;

2.º — só na capital paulista esse exército conta com mais de 25.000 homens, no mínimo, corpo esse que ocupará pela força em meia hora, esta cidade de quase 1.500.000 almas;

3.º — o primeiro golpe para a ocupação da cidade, quando ordenada, será desfechado com o ataque imediato aos quartéis do Exército e da Força Pública, (cujas guardas, permanentes não vão nunca além de vinte homens), por meio de assalto brusco em caminhões e golpes com granadas de mão, para estabelecer o pânico, e assalto no qual os chefes têm absoluta certeza de sucesso, principalmente porque — dizem — o brasileiro, inclusive o militar, é desprevenido, indolente e incapaz de reação imediata; fica abobalhado, aparvalhado e corre;

4.º — essa terrível, mais precisamente "5.ª coluna" é luxuosamente armada, dispondo de metralhadoras, fuzis, armas curtas e até canhões anti-tanks (peças que são importadas como maquinário pesado, industrial e agrícola, pelas casas Tozan, Bratac, Nipo-Brasileiro e outras), além de contar com copiosa munição e explosivos os mais tremendos, fabricados aqui mesmo, por especialistas e técnicos vindos do Japão, sendo que, com o que possuem, esperam com facilidade dominar o próprio Exército;

5.º — organizações semelhantes, umas maiores e outras menores, existem espalhadas estrategicamente pelo interior, todas eficientemente armadas e superiormente comandadas, tendo por missão principalmente, barrar qualquer socorro que venha para São Paulo, quando atacado aqui dentro;

6.º — estrategicamente, os japoneses dominam; com sítios próprios ou terras alugadas, tacitamente estabelecidas; a Central do Brasil, de S. Paulo até Taubaté, ocupando postos pre-determinados ao longo de nossa principal ferrovia, que será ocupada e prontamente neutralizada; a Noroeste do Brasil, de Baurú até Campo Grande, em Mato Grosso, da mesma forma que a Central do Brasil, visando impedir socorros e não permitir o envio de tropas para a Bolívia ou Paraguai, com destino ao Pacífico, no caso de ataque ao continente, fazendo, se preciso, saltar a ponte, sobre o rio Paraná que não tem qualquer guarnição ou vigilância; a Sorocabana, até Presidente Epitácio, com a mesma finalidade e até Itararé, para o fim de obstar qualquer comunicação com o sul; a Alta Paulista, onde há grandes núcleos japoneses e de onde irradiará a ação pri-

macial de domínio no interior; a Mogiana, principalmente na parte alta com o mesmo objetivo; nas ferrovias, serão imediatamente ocupadas as grandes oficinas de Sorocaba, Baurú, Campinas e Rio Claro para impedir qualquer produção de guerra;

7.º — ainda, estrategicamente, está ocupado pelos japoneses todo o litoral, sendo que eles dominaram e enguliram todas as colônias de pesca, dado que prontamente se naturalizaram brasileiros, por exigência de lei, embora não falem, no geral, meia dúzia de palavras de nossa língua; dominando o litoral como dominaram, formaram grandes núcleos para militares em Cananéia, e Iguape, para os estabelecimentos de bases de submarinos e aviões, sendo que, ao que sei, tudo já existe perfeitamente organizado para o estabelecimento de outras em Ilhanhaem, Bertoga, Ubatuba e na embocadura do rio Ribeira;

8.º — com este estabelecimento estratégico no litoral, estão praticamente cercadas e asfixiadas as fortalezas de Itaipús, em São Vicente e de Monduba, no Guarujá, ambas destinadas à defesa do porto de Santos, mas agora com a missão de defenderem interesses japoneses; e, se pela frente e lados têm esses falsos pescadores, pela retaguarda estão ambas cercadas de fazendas de bananas pertencentes a súditos nipônicos, com a agravante de passarem pelas terras destes as canalizações de água potável e cabos de energia elétrica das citadas praças de guerra, as quais, dessarte, serão irremediavelmente dominadas por cálculo prévio e tomadas facilmente;

9.º — nos subúrbios de São Paulo, em São Miguel, as usinas de Nitro-Química, a maior fábrica de explosivos da América do Sul, estão todas cercadas por propriedades e moradores japoneses, e irão pelos ares à primeira ordem, assim que o governo entre a fabricar material de guerra para a defesa do Continente;

10.º — da mesma maneira igual coisa acontecerá com as grandes oficinas da General Motors Co., em São Caetano, que tem a missão de produzir tanks e carros de assalto para as tropas motorizadas;

11.º — ainda da mesma forma, no Alto da Serra, os grandes lagos e represas da Light estão inteiramente cercados e serão imediatamente ocupados para que cesse a produção de energia elétrica na maior usina sul-americana e, consequentemente, paralisadas todas as indústrias de São Paulo, o arsenal do Brasil;

12.º — além da capital todas as cidades industriais que podem, amanhã, ser transformadas em centros de indústrias de guerra, como São Bernardo, São Caetano, Sorocaba, Tatui, Jundiaí, Itú, Campinas, Limeira, Americana, Mogi das Cruzes, Taubaté e outras, todas têm grupos estratégicos de envergadura para neutralizá-las no momento oportuno;

13.º — todas as fábricas, depósitos, armazéns de algodão, de linters, refinarias de óleo, na capital e no interior, irão propriamente pelos ares à primeira ordem, para que o Brasil tenha os braços decepados na sua possível ajuda aos Estados Unidos;

14.º — células, companhias e escalões existem disseminados por todos os pontos, em estreita ligação, recebendo ordens diretas do próprio consulado, que os movimentam como entende por ser o verdadeiro estado maior dessa tremenda organização secreta dentro do Brasil para destruir o Brasil.

SORIR, PARA DESPERTAR

A ordem, para despistar, é sorrir, sorrir sempre e nada dizer; o silêncio constitui a grande arma nipônica,

misteriosa sob todos os pontos de vista; além disso, aguar-tar tudo, todas as provas, desaforos e apodos e até xingamentos os mais duros e pesados, mesmo os que afetam diretamente a honra individual, como se os não entendessem, sem a mínima reação ou revide.

Tudo o que aí fica — e isso deve ser apenas o princípio — conheço mais ou menos diretamente, porque em muita coisa sou admitido, inclusive presença pessoal em certas reuniões destinadas a exercitar, dentro de princípios nipônicos, os filhos dos japoneses como eu. Missões nos são dadas, notadamente de espionagem e policiamento, em todos os setores, cabendo-nos, como honrosa investitura japonesa, o papel de espiões nos corpos de tropa, quando sorteados e como voluntários, e no C. P. O. R., o qual devemos frequentar para a conquista dos galões de oficial da Reserva, e, assim, conhecer detalhes para transmitir, organização, métodos e segredos da Defesa Nacional".

A este plano diabólico o Brasil responderá contribuindo com a sua potencialidade econômica para a firmeza dos ideais democráticos e triunfo final.

O sr. Valentim Bouças, que é, um dos nossos mais abalizados técnicos em economia e finanças, esteve também nos Estados Unidos, como membro da comitiva do ministro da Fazenda.

A respeito dos acordos assinados naquele país amigo, falou a imprensa, declarando o seguinte:

— Nos tempos difíceis, homens de responsabilidade pública não se devem atemorizar, em suas atividades, desde que procedam de acordo com o velho princípio de que as gerações presentes precisam legar às futuras aqui-



Aspecto da chegada do Ministro Souza Costa, vendo-se o titular da Fazenda ao lado do seu colega do Exterior.

lo que receberam das gerações passadas. Outro, aliás, não foi o espírito que nos animou, os componentes da missão presidida pelo ilustre ministro Souza Costa, ao daqui partir por incumbência do nosso presidente, em demanda às terras em que o gênio do homem mais alto elevou tudo aquilo que há de confortável e de bom no mundo: o progresso material e as liberdades civis.

Sabe-se que os Estados Unidos constituem um país de contrastes, mas só se veem confundidos pelas contradições da vida norte-americana aqueles que não conseguem ver além de certos ângulos ou ficam simplesmente na epidemie. Vejamos se me explico melhor. Quem chega a Miami ou a Nova York tem a impressão de que o povo "yankee" está completamente indiferente à guerra. Entretanto, nada mais falso nem mais ilusório. Miami é a cidade balneária, de repouso, de vigiliatura, no passo que Nova York e a cidade mais cosmopolita do mundo, onde menos americanos autênticos existem e onde mais estrangeiros vivem, principalmente italianos, alemães e israelitas.

ARSENAL DAS DEMOCRACIAS

— Mas os Estados Unidos, a nação norte-americana, essa vive com toda a sua imensa capacidade emotiva, desde o far operário até às altas esferas governamentais, desde as margens do Hudson até São Francisco, a vibrar ao calor do entusiasmo patriótico que lhe transmitem continuamente a palavra bíblica de Roosevelt e os feitos heróicos



Aspecto da cerimônia de reabertura dos cursos de Estado Maior e de Preparação da Escola de Estado Maior do Exército, com a presença do Gal. Góis Monteiro, Chefe do Estado Maior do Exército; do Cel. Renato Batista Nunes, Comandante da Escola do Estado Maior; outros oficiais, professores e alunos do estabelecimento.

nicos de Mac Arthur, vive também a trabalhar na medida das responsabilidades que se impõe a si mesma pelos deveres de "arsenal das democracias" e de irmã maior da família americana. Uma nação que de uma hora para outra abre mão de tudo aquilo que constituía necessidades mínimas de seu elevadíssimo padrão de vida, que cessa a produção diária de milhares de automóveis, geladeiras, etc., para só dedicar-se à produção de material bélico, não apenas para si, mas para quantos, em qualquer recanto da terra ou em qualquer setor dos mares estivessem dispostos a lutar pela preservação de suas liberdades e de sua independência — um povo desses demonstra uma capacidade excepcional, um patriotismo profundo e um profundo sentimento de solidariedade humana.

Em verdade, nossa tarefa, devido a essa concepção de responsabilidade universal e panamericana que anima o povo e o governo dos Estados Unidos, foi grandemente facilitada, permitindo que dêssemos, em tão breve tempo

feição prática aquilo que a Conferência dos Chanceleres resolvera em princípio, um mês antes, nesta cidade do Rio de Janeiro.

Desde nossa chegada que nos sentimos como que "em casa", na hospitaleira expressão do nosso caboclo. E foi nesse ambiente de fraternidade que trabalhamos até o fim, em contacto com homens a cuja responsabilidade está confiada, historicamente, em grande parte, a mudança do curso dos acontecimentos que abalam o mundo.

É natural que as negociações do ilustre ministro Souza Costa, desde que abrangiam problemas os mais diversos e das mais consideráveis proporções, tanto do ponto de vista nacional quanto do pan-americano e até mesmo do universal, determinassem uma tarefa de vasta complexidade. Entretanto, os resultados aí estão, obtidos em tempo relativamente rápido, mas de influência espetacular nos nossos destinos ao ponto de podermos proclamar, de agora em diante, sermos nós do Brasil, um dos grandes esteios na defesa do Continente.

O IMPERIALISMO EUROPEU CONTRA A INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL

Historicamente os destinos do Brasil e dos Estados Unidos têm vivido ligados por laços de exemplar fraternidade. Mas daqui para o futuro, a sorte de ambos, está lançada por uma indestrutível conjugação de interesses desde que, da colaboração de ambos depende fundamentalmente o abastecimento dos exércitos da liberdade em todos os pontos do mundo e, em especial, a preservação do Hemisfério Ocidental dos efeitos da hecatombe que assola os povos de todos os outros Continentes. Assim nossa produção extrativa agro-pecuária e industrial, da mesma forma que os transportes, deve elevar-se por efeito dos referidos acordos, a um grau jamais imaginado anteriormente de forma que é possível, a esta altura, vislumbrar-se o que será a nossa pátria em futuro muito próximo. Com a fundação da grande siderurgia em nosso país, do que já é uma afirmação positiva as instalações que se constroem em Volta Redonda e através das facilidades que nos foram ainda agora reassseguradas, abre-se ao Brasil a oportunidade de assentar o majestoso pedestal sobre o qual se erguera uma nova e brilhante fase da economia nacional. Neste momento trágico da história, quando imensas dificuldades e perigos atingem a grande nação americana, é ela quem nos garante o fornecimento e a instalação da grande siderurgia, que múltiplos e inconfessáveis interesses da velha Europa imperialista nos impediram de realizar há várias décadas. Nos contumazes vendedores de armamento antiquado se enraizara o hábito de impingir a todo o custo, periodicamente, os seus refugios não só a nós como a outros países latino-americanos.

Foi essa uma das tantas razões porque se opuseram sempre a que nos transformássemos numa grande nação industrial. Queriam então, como ainda hoje o querem, que nos conservássemos pacíficos e obedientes consumidores de seus produtos industriais, deixando-nos como simples exportadores de cereais e matérias primas. Quem está ao par da história das nossas jazidas de ferro sabe que estivemos manietados por influências estranhas, entre as quais sobressaíam as famosas dívidas externas, e as quais, proibiam uma expansão nesse terreno, pois haviam resolvido assinalar-nos apenas um papel de tributários dos grandes monopolistas do aço e do ferro. Por isso não se desenvolveu o Vale do Rio Doce; por isso o Brasil não teve sua siderurgia. Para compreender o que seria o nosso futuro se viessemos a aceitar o atual expansionismo europeu, basta atentarmos para o que se passa neste ins-

ante nos países ocupados do Velho Continente. O que se nos depara ali é a transplantação para um único e determinado bloco de todas as indústrias dos países dominados ou ocupados, revelando nitidamente o propósito de se formar um monopólio industrial, para um controle econômico definitivo.

RIO DOCE, AMAZONIA E A BORRACHA

— Entretanto, comparemos essa dolorosa situação com as perspectivas que se nos abrem através da união e colaboração com os países deste hemisfério e sobretudo com a grande nação americana. Mediante os recursos que atualmente nos são proporcionados, estamos em condições



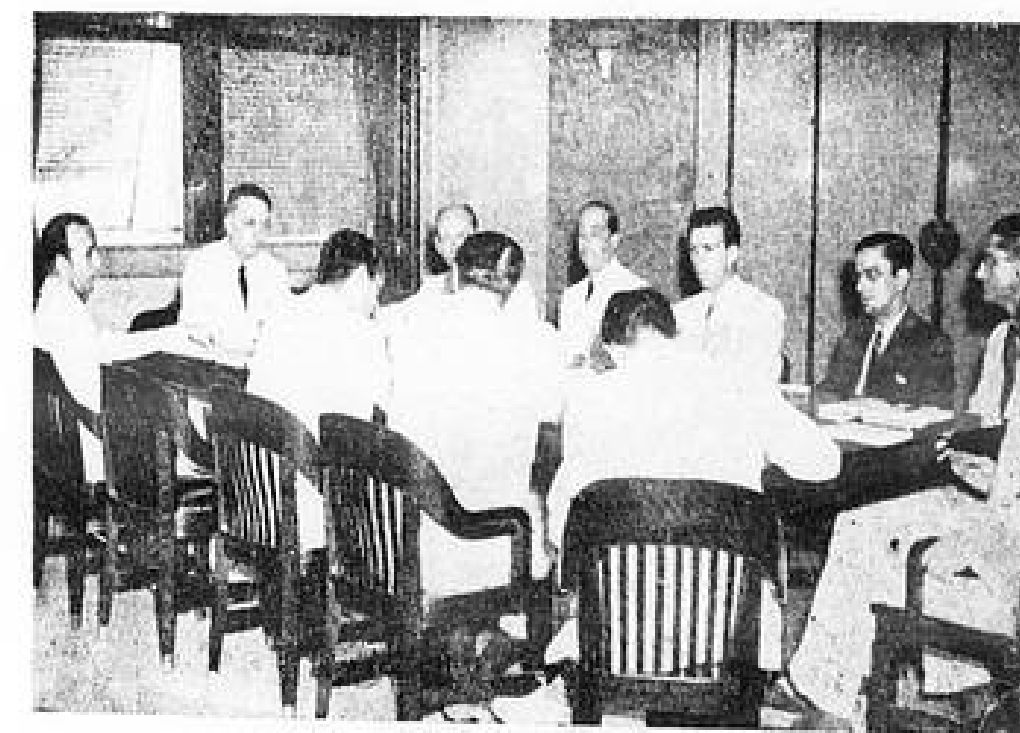
OFICIAIS INTENDENTES INCORPORADOS À F. A. B. — Teve lugar, no gabinete do titular da pasta da Aeronáutica, a cerimônia da apresentação dos oficiais intendentes, vindos do Exército e Marinha para servir na Aeronáutica.

de levar ao máximo desenvolvimento econômico regiões até hoje esquecidas como o Vale do Rio Doce e a Amazônia. O Vale do Rio Doce constitui um esconduro natural de toda a imensa riqueza daquela zona, e a criação dum sistema racional eficiente de transportes abre as portas à valorização econômica não só dessa região beneficiada dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, como também facilita o aproveitamento do vale do São Francisco e do planalto Central. Eis aí um dos mais sólidos alicerces de nossa independência econômica, representada pela exploração das inesgotáveis jazidas de ferro do Brasil, pois que — hoje isto são verdades universais — só a grande siderurgia pode dar garantias a uma nação forte, próspera e independente, assim como, por tal meio, poderemos alcançar o ideal do presidente Vargas que é levar as fronteiras econômicas até os limites de nossas fronteiras políticas. A par desse vasto programa siderúrgico temos a exploração da Amazônia. E é ainda a grande nação amiga, os Estados Unidos, que devemos o apoio para que se venha a assistir novamente ao renascimento daquela região. A Amazônia, com sua extraordinária magnificência, aí está, à espera da ajuda do homem. Parecia guardada como uma preciosidade, para ser aproveitada em ocasião mais oportuna. E a ocasião é esta. Os asiáticos isolaram os campos de produção do Oriente, dificultando à nação americana o receber produtos orientais, entre os quais a borracha. E o Amazônia vai ser trabalhado para a salvação do Continente, concorrendo para a felicidade de outros povos. Os Estados Unidos nos proporcionam os meios de reviver a Amazônia para a obtenção do produto que tanto precisam, através duma grande obra de cooperação material e moral. Vencessem os seus inimigos, e estaria mais uma vez adiado o fomento da borracha amazônica.

porque de certo viriam eles abarrotar o mundo com o produto do trabalho, escravo asiático, por meio de insólitos sistemas comerciais já de todos conhecidos.

A GARANTIA DO NOSSO FUTURO

— A cooperação com os Estados Unidos através dos acordos realizados, nos trará uma série de vantagens absolutamente indiscutíveis. E estamos convictos de que nessa cooperação reside a garantia do nosso futuro como nação industrial. Não podemos erer que existam brasileiros esclarecidos e concientes da gravidade do momento mundial que não vejam com simpatia essa comunhão de idéias e interesses, que se estreita cada vez mais entre a República norte-americana e a nossa Pátria. Aqueles poucos que porventura ainda não manifestaram o seu apoio completo à solidariedade política e econômica do hemisfério não o fazem certamente por nenhum interesse menos digno, mas apenas por um erro de apreciação, numa incompreensão dos resultados que teriam para o nosso país qualquer atitude que não fosse a que tomamos sob a liderança do presidente da República. Seria bastante a cooperação americana na criação da nossa siderurgia para nos dar a maior prova da confiança e da amizade daquele grande povo e da retidão do caminho que estamos percorrendo. Hoje temos os novos acordos assinados, pelos quais o capital, a técnica e o mercado consumidor nos foram assegurados. Compete, agora, ao povo brasileiro trabalhar com toda a disciplina e patriotismo, eliminando a crítica demolidora e as intrigas, lembrando-se de que só com o trabalho constante podemos produzir e ser fortes. O ouro e o crédito valem para comprar os instrumentos de que necessitam a nossa indústria, e a nossa agricultura. E os técnicos são os mestres que nos ensinaram o seu manejo, mas tudo isso só se completa com o labor de nossa parte. A riqueza de uma nação é sólida e continuamente pro-



Sob a presidência do Ministro do Trabalho, Sr. Alexandre Marcondes Filho, reuniu-se, a Comissão de Consolidação das Leis Sociais. Vê-se um flagrante dessa reunião, em que foram tratados vários assuntos relativos aos encargos da referida Comissão.

gressiva quando resultante de trabalho, e não como consequência de uma prosperidade ilusória, oriunda de empréstimos abusivos.

RESULTANTE DO CREDITO FIRMADO

— Tudo o que recebemos dos Estados Unidos, desde os vastos recursos para o desenvolvimento da bacia do Amazonas e do Rio Doce, até o crédito concedido a grande organização econômica brasileira, não nos esqueçamos, é uma resultante do crédito firmado através do infatigável trabalho do nosso presidente. Em onze anos de uma luta árdua e patriótica, elevou ele o Brasil ao nível das grandes nações, respeitadas e dignas nos seus compromissos.

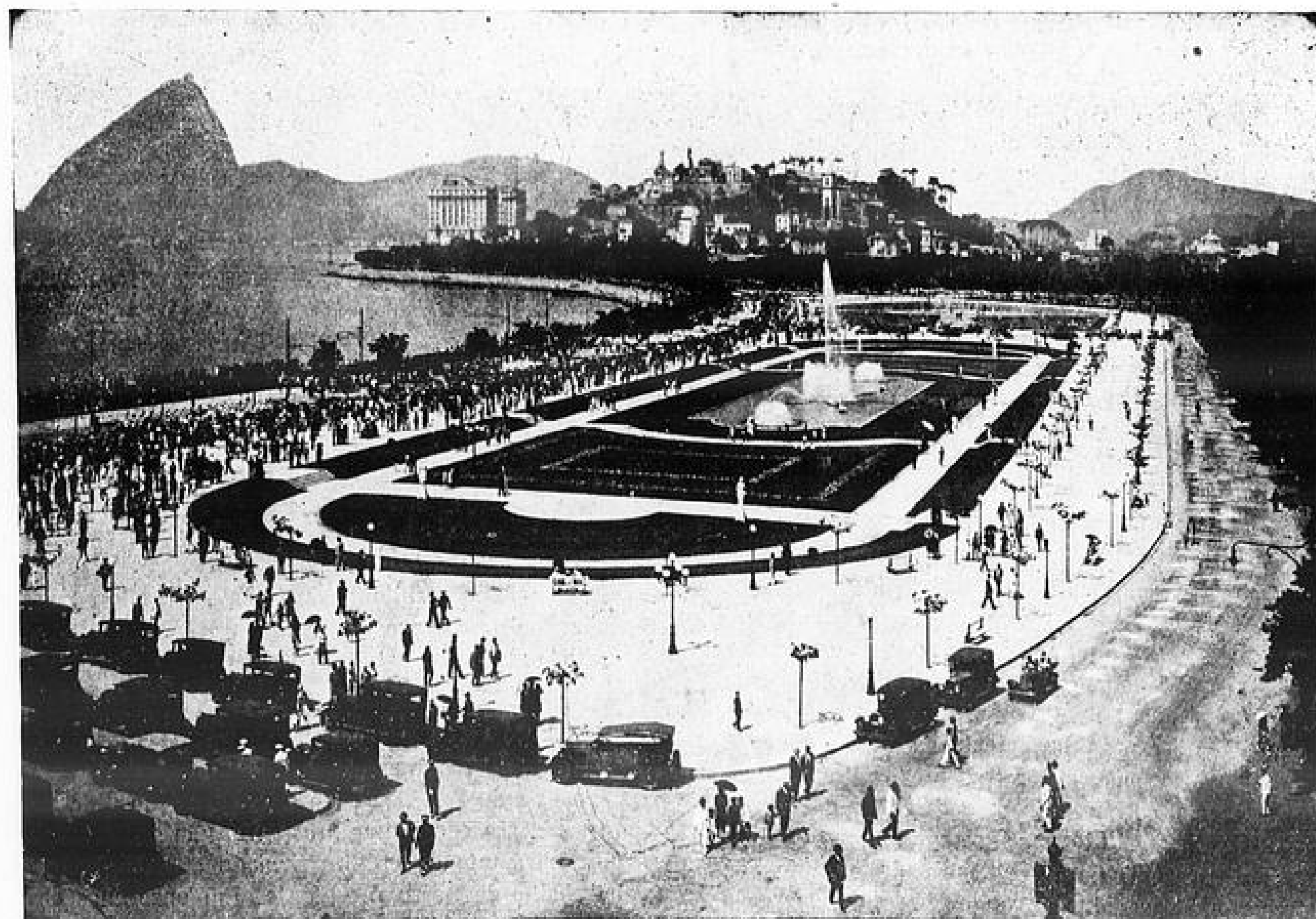
sos, estabelecendo as bases de um amplo crédito. Esse crédito é hoje promissória que pode ser descontada nos Estados Unidos. Cumpre, pois, a todos os brasileiros formar ao lado do seu chefe, dispostos a quaisquer sacrifícios, para que aquele crédito cresça cada vez mais, e para que nós e nossos filhos possamos ver as forças armadas e o parque industrial brasileiro perfeitamente equipados. Eis aí a melhor apólice de seguro para conduzir a Pátria Brasileira ao grande destino que lhe está reservado — tornar-se uma potência industrial e independente, um novo baluarte de uma América livre e feliz.

A colaboração, em recursos materiais e técnicos, que passaremos a receber, para os utilizarmos na conformidade dos nossos interesses e sob nosso próprio arbítrio, constitui, um fato sem precedentes na história do nosso desenvolvimento econômico, o qual muito sofreu do espírito imperialista da agiotagem internacional, coisa que, agora, felizmente, foi banida por aqueles que têm a glória de trabalhar com o presidente Roosevelt na preparação dum mundo melhor para o gênero humano. Não obstante, é necessário que nos compenetrarmos da enorme responsabilidade que tais acontecimentos nos vão trazer. Para esse aspecto também os acordos firmados pelo ministro Souza Costa se dirigiram com a mesma objetividade predominante nos setores da economia propriamente dita. Refiro-me aos recursos obtidos através da lei de empréstimo e arrendamento.

Entim, sob o aspecto que se quiser encarar-los, os resultados da Missão Souza Costa, podem ser considerados já não direi satisfatórios, mas admiráveis mesmo. Concretizamos aquilo que estava faltando para a transformação da Nação Brasileira em potência de primeira grandeza. E, não esquecer, testemunhamos a realidade do panamericanismo, de sorte que, agora, qualquer país deste hemisfério pode ter confiança na solidariedade dos demais e de seus líderes, porque há de compreender que aquilo que se dis-

cultu e firmou na Conferência do Rio não era teoria, de magia, nem coisa vaga, mera formalidade para efeito de propaganda, porém, uma vibrante e feliz consequência das dolorosas contingências em que se debate o mundo. De nossa parte, podemos nos considerar satisfeitos. Aparentamos adequadamente os meios para a defesa nacional e o desenvolvimento da nossa economia, binômio em que repousa todo o sentido da obra governamental do presidente Vargas. As consequências que nos advirão não devem atemorizar ninguém, neste país, da mesma forma, que, após Pearl Harbour, ninguém mais vacilou na terra do presidente Roosevelt, mesmo porque assim procedendo, nós também nos preparamos para não sofrer as odiosas surpresas em que foram apanhados nossos irmãos do norte. Não nos esqueçamos que é a História a grande forjadora de caracteres. Mauá, Caxias, Tanandaré e tantos nomes de nossa Pátria tornaram-se grandes em momentos assim, graves para a vida nacional. Vivemos dias históricos, e tudo indica que nossos homens de hoje estão à altura dos acontecimentos, como aqueles. E na direção de todos — termina o senhor Bouças, com o entusiasmo que lhe é característico — ai temos a figura providencial de Getúlio Vargas, cuja simples presença basta para que trabalhemos ao máximo, cada um em seu setor, confiados e cheios de fé no futuro de uma Pátria, que certamente legaremos aos nossos descendentes, mais rica e forte do que a recebemos dos nossos antepassados”.

As primeiras vítimas do nazismo sanguinário lá estão nas costas dos Estados Unidos. O Brasil já se manifestou e saberá na hora precisa defender-se não só dos nipo-nazifascistas, mas dos próprios “Quisling”, formando os “sexta colonistas”, que são os verdadeiros patriotas. O povo já não acredita em mais ninguém e não se deixa embrulhar com facilidade e, com isto, advertimos aos que precisam de advertência. *O povo sabe quem eles são: estão bem marcados...*



Praça Paris e Jardim da Glória.

De um mês a outro

Resenha da guerra e dos acontecimentos internacionais

Se o curso da guerra se pudesse decidir pelo movimento da opinião pública, a Grã Bretanha se lançaria amanhã mesmo ao ataque contra a Alemanha, no continente, tentando um desembarque em qualquer ponto. Nunca a ação ofensiva foi tão popular como agora. Nunca um povo esteve tão impaciente, tão disposto para a ação guerreira, como agora o povo britânico.

Os jornais escrevem constantemente que a Inglaterra deve atacar antes do verão. Cada comentarista diz livremente sua opinião, expõe seu ponto de vista, demonstrando cada manhã que a liberdade do pensamento não é um mito na Grã Bretanha, que a guerra se pode fazer sem amoldar as massas populares. Naturalmente, essa mesma liberdade de pensamento, essa expressão de critérios contraditórios, permite ao povo britânico o livre jogo das correntes de opinião, que se desenvolvem sem estorvar a função do governo nem a dos Estados Maiores, os quais continuam a conduzir a guerra em absoluto segredo, sem necessidade de afogar as vozes da rua.

Nos regimes totalitários, quando a um jornal é permitido fazer uma alusão sobre o curso da guerra, podemos estar seguros de que tal insinuação responde a uma necessidade de governo. Se a matilha de cães da imprensa se lança numa direção, devemos supor que é o governo quem a lança, embora só seja para despistar. Quando Gayda escreve um artigo, sabemos o que convém a Mussolini que seja sabido. E' óbvio citarmos o caso semelhante de Goebbels.

Em regime democrático autêntico, a imprensa inglesa discute, planeja, sem que nenhuma das sugestões comprometa a ação do governo. Este regime saudável permite à opinião seguir o curso da guerra à luz de todos os critérios, por mais audazes e originais que possam ser.



A guerra chegou a Burma. Efeitos dos raids contra Rangoon.

Quando um cidadão inglês pensa que a guerra deve se fazer desta ou daquela maneira, escreve uma carta aberta a seu jornal, sem que com isso cause qualquer prejuízo ao país. Que aconteceria na Alemanha se os jornais pudessem publicar a opinião dos populares sobre o curso da guerra? Quanto tempo poderia resistir o regime?

Na Grã Bretanha, a opinião manifesta-se cada dia — inclusive sobre problemas estratégicos. Atualmente, a imprensa insiste sobre o tema da possibilidade de uma ofensiva contra o continente. Mau grado as opiniões contraditórias, revela-se o desejo unânime do povo da Grã Bretanha para conquistar a iniciativa da guerra. Essa seria a única conclusão que os adversários poderiam sacar da publicidade das discussões britânicas.

Os comentaristas insistem em que a tática mais conveniente seria esperar que o inimigo descobrisse o jogo, ao iniciar sua campanha da primavera, afim de se lançar à contra-ofensiva em outros teatros da guerra, o qual o obrigaria a dividir as forças e a acorrer à última hora e precipitadamente aonde não esperava. Outros se mostram partidários da ação ofensiva preventiva, criando no continente um abcesso de fixação que impeça aos alemães se empregarem a fundo em suas projetadas empresas. Outros sustentam que a Grã Bretanha não se acha ainda em condições de tomar francamente a iniciativa. Seria pueril deduzirmos de artigos de jornal o que farão os Estados Maiores. Mas há uma sensação indubitável: o povo está prestes a fazer



O Capitão Lyttelton e o Sr. Bullitt, fotografados próximo a Tobruk.

a guerra; parece que as semanas próximas serão decisivas. A Inglaterra está pronta para tudo.

Em face do crescente poderio aéreo, as forças aliadas estão agora adotando uma tática cada vez mais agressiva e diariamente saem à procura do inimigo.

As formações aliadas estão levando a efeito terríveis ataques contra os japoneses que ainda não puderam contra-atacar eficazmente. Não seria errado julgar que o inimigo perdeu essa primeira fase da luta. E' claro que os japoneses estão reunindo todo o seu poderio aéreo nessa primeira zona de guerra do Pacífico, onde estão sendo atacados severamente e onde, pela primeira vez, enfrentam a possibilidade de uma derrota aérea. O desenvolvimento das operações nos próximos sete ou quinze dias decidirá, da sorte do nordeste da Austrália.

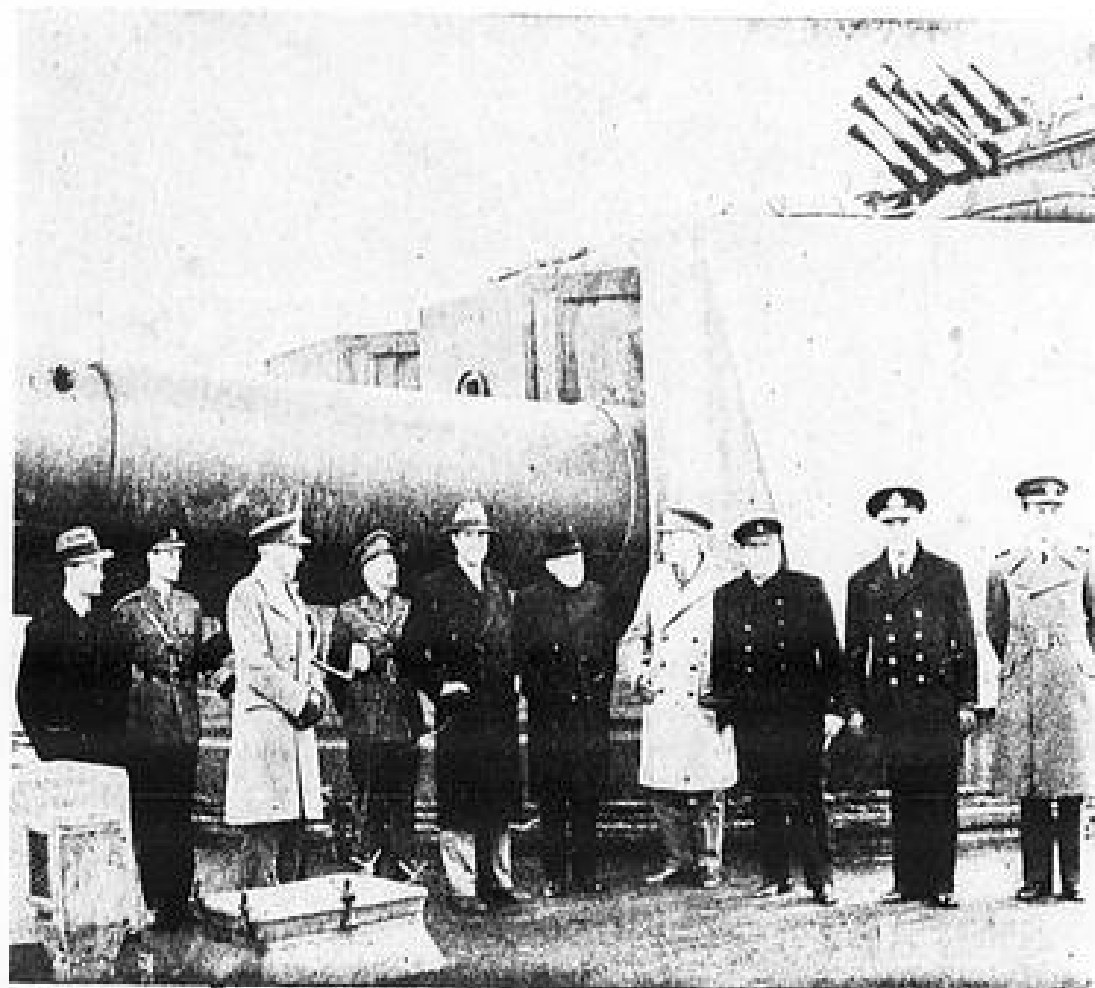
Isso nos ares. Em terra, nas escuras montanhas, nas paludosas e densas florestas do vale de Markham ao longo do qual, segundo se anunciou recentemente, os nipões estão se transformando em verdadeiros “Tarzans das Selvas”, esperando de tocaia



O Primeiro Ministro Mackenzie King, do Canadá, inspecionando tropas dos Estados Unidos, que visitam Ottawa.

o inimigo e cortando-lhe tragicamente o caminho, a luta continua. Estão os australianos vivendo em abrigos secretos e melhorando suas refeições com carne fresca, hortaliças que lhe são trazidas pelos nativos fiéis os quais continuam desprezando as tentativas dos missionários luteranos que visam transformá-los em simpatizantes com a causa nipônica.

A ameaça a Porto Moresby, pela porta trazeira, representada pelo vale de Markham, tinha sido consideravelmente reduzida.



Churchill a bordo do vaso de guerra H. M. S. "Duque de York"

Por ar é que os inimigos o atacam. Ainda hoje foram abatidos vinte e sete aviões inimigos. As baterias anti-aéreas disparam sem cessar. Avião após avião, os atacantes são abatidos. Os nipões são entretanto loucos; por isso que voam baixíssimo, sabendo, certamente, que vão ser abatidos.

Um comunicado diz apenas que as únicas atividades das últimas horas foram os ataques aéreos desfechados pela aviação nipônica contra Port Moresby e Wyndham.

Sobre esta cidade os nipões deixaram cair mais de 30 bombas.

Diz textualmente esse comunicado:

"As únicas operações no setor australianos foram os ataques japoneses a Port Moresby e Wyndham. Cerca de trinta bombas foram lançadas em Wyndham causando ligeiros danos.

Registou-se apenas uma vítima que recebeu um ferimento leve.



Cozinheiros britânicos e americanos, demonstrando suas especialidades.

Uma hora depois do ataque, três casas inimigas metralharam o aeródromo local, sem resultado.

Detalhes agora obtidos revelam que o ataque a Darwin em 22 de Março, não foi coroado de êxito.

O inimigo perdeu um aparelho com certeza, e dois provavelmente.

Todavia mau grado esses ataques esporádicos, paira sobre a Austrália a ameaça da invasão amarela.

O povo, entretanto, mantém-se perfeitamente calmo e confiante em seus dirigentes.

Os preparativos estão quase concluídos.

Seguidamente chegam reforços aos pontos mais importantes da ilha. Enquanto isso os aviões aliados patrulham o litoral ao largo do qual exercem severa vigilância. Os rádios transmitem de hora em hora as últimas informações e assim o povo está sempre ao par do que se passa.

Aliás, o general Mac Arthur, ao receber os jornalistas acentuou esse ponto:

—A razão dos esforços por parte dos Estados Unidos e da Austrália em trazer o público sempre informado acerca dos acontecimentos — disse o general — é que os civis se não souberem da verdade, sua imaginação trabalhará erroneamente, com uma consequente redução de confiança em seus líderes". O silêncio começará a reagir contra os que calam e em tais contingências portanto o silêncio é um crime. É de grande importância que o público esteja sempre ao corrente dos fatos pois que assim não lhes faltará confiança e determinação em atingir o seu objetivo, apoiando o esforço de guerra. Preciso de todos vós, jornalistas, pois que sem o vosso auxílio não poderemos conseguir o esforço máximo de que precisamos para vencer. Meu principal objetivo é não suprimir notícias, ocultando-as a vós, mas, ao contrário, ter sempre notícias a vos dar. Eu próprio sou um velho censor. Minhas palavras contudo não significam que sois obrigados a aceitar todas as informações que vos fornecemos, publicando-as



Um tank alemão inutilizado por um disparo direto.

ou que deveríeis estar limitados a "notícias enlatadas", sem poder recorrer a vosso brilhantismo profissional. Minhas palavras, outrossim, não significam que deveis vos abster de críticas, mas espero que antes que as critiqueis, procureis penetrar-vos plenamente dos fatos. E se assim fizerdes vereis que desaparecerá a maior parte da crítica. Quando começais a destruir a confiança pública nos líderes militares, destruíis, praticamente, todo um exército. Por outro lado, estou pronto em qualquer ocasião a vos informar ao máximo sobre o que eu próprio souber ou a dar qualquer opinião desejada sobre todos os assuntos, mas apenas secundariamente".

Na presente atividade bélica que sacode a nação em seu formidável esforço para produzir armas e munições em quantidade nunca vista e em rapidez sem precedentes, o operário nos Estados Unidos constitui a alma de seu sistema industrial.

Sobre milhões de homens e mulheres que laboram dia e noite acionando esse gigantesco arsenal de guerra, pesa a responsabilidade de garantir a complexa e decisiva produção do elemento essencial para a vitória.

Nenhum grupo mais que o trabalhista reconhece nos Estados Unidos o que seria o efeito da dominação nazista sobre o mundo. E nenhum mostra-se mais determinado a fazer tudo para exterminar essa ameaça.

Acima das questões de estratégia militar, revela-se nesta guerra o fato de depender a mesma da produção de material bélico em avalanches. Há séculos que as guerras vinham sendo encarradas em face destes três elementos — militar, político e financeiro. Hoje há um quarto elemento, de formidável significação — o trabalho industrial.

Desde o trágico assalto a Pearl Harbour, que na frente trabalhista americana estabeleceu-se um único ponto de vista — unir para vencer. As suas duas grandes organizações, a Federação Americana do Trabalho e o Congresso de Organizações Industriais, constituídas por mais de dez milhões de operários sindicalizados, hipotecaram imediatamente sua solidariedade e apóio incondicional ao Presidente Roosevelt.

Renunciaram o seu direito de greve durante a guerra, adaptaram-se às prementes condições impostas pela urgência de produção e solidificaram o seu propósito de manter contínua a fonte industrial da guerra.

Num país em que as indústrias de paz haviam atingido o máximo de perfeição e produção, atestando em seu consumo o incomparável padrão de vida de seu povo, o brusco desenvolvimento das indústrias de guerra, absorvendo praticamente todas as atividades, viria necessariamente causar sérios inconvenientes.

Fábricas numerosas, que até então dedicavam-se à manufatura de artigos de uso doméstico, viram-se obrigadas a dispensar operários em massa. É que as prioridades concedidas às indústrias bélicas, iam absorvendo em quantidade crescente muitos dos materiais até então em uso normal nas indústrias civis.



A-pesar dos incessantes raids contra os navios, eles continuam chegando aos seus destinos. Um comboio acaba de chegar à grande baía de Malta.

Esse desemprego, entretanto, revelava apenas a necessidade de operários habilitados para as novas funções exigidas pela indústria de armamentos e munições. E até que o deslocamento se fizesse de umas para outras indústrias, de acordo com as necessidades da produção, o elemento trabalhista teve de adaptar-se a novas condições e fazer sacrifícios.

Por sua vez, na frente industrial, não foi fácil a adaptação. A conversão de máquinas, a adoção de novos métodos, e sobretudo, o adiestramento de seu pessoal em diferente técnica de trabalho, criava novos problemas para todos.



Reconquista de Bardia.



Reconquista de Benghazi.



Captura de Berck, na Cirenaica.



O Governador de Malta, General Sir Wiliam Dobbie, em uma cerimônia militar.

Mas os obstáculos foram vencidos pela determinação que animava o espírito industrial americano, famoso por saber enfrentar desafio à sua prodigiosa iniciativa.

E agora, a adaptação da indústria mescla-se com a capacidade do operário para produzir sob as novas condições e, principalmente, sob o ritmo acelerado que a guerra impõe.

Detroit, o incomparável centro de produção de automóveis, de onde costumava sair mais de meio milhão de veículos dos mais modernos, mensalmente, marcou no último dia de Janeiro, a sua completa transição para a produção de guerra. Passa agora, essa indústria, que assombrou o mundo com a sua inigualável eficiência, baixo custo e volume de produção de seu automóvel, com toda a sua maquinária, mão de obra e habilidade científica e executiva, para a manufatura exclusiva de armamentos.

A conversão da indústria para fins bélicos, já havia tido início há algum tempo, mas só agora completou-se a operação. Com a suspensão de todos os trabalhos de produção de carros de passageiros e caminhões leves, para uso civil, militar ou para exportação, e com a proibição da venda dos mesmos, cria-se um "stock", do qual se suprirão, em primeiro lugar, as necessidades militares. A seguir, virão outros casos, de natureza civil, mas sujeitos a estrito racionamento, cuja execução começará em fins de Fevereiro.

Detroit apresenta atualmente um aspecto de completo adição às numerosas fábricas até então existentes. Algumas delas, de dimensões enormes, ocupam hoje áreas que há apenas meses, eram simples campo. E delas começa a sair em quantidade que irá crescendo dia a dia, uma variedade incontável de ferramentas para suprir outras fábricas. Além disso, de Detroit ainda, saem aos milhares, não apenas armas de guerra propriamente, mas aviões de vários tipos, motores, acessórios e o que é

mais interessante — pilotos e mecânicos, em grande número, para reforçar os centros de pessoal aéreo militar que tomará parte na gigantesca ofensiva em futuro próximo.

Tudo o aparelhamento que em Detroit acaba de entrar em movimento sincronizado para a produção de guerra, constitui apenas parte do parque industrial, espalhado por várias regiões do país.



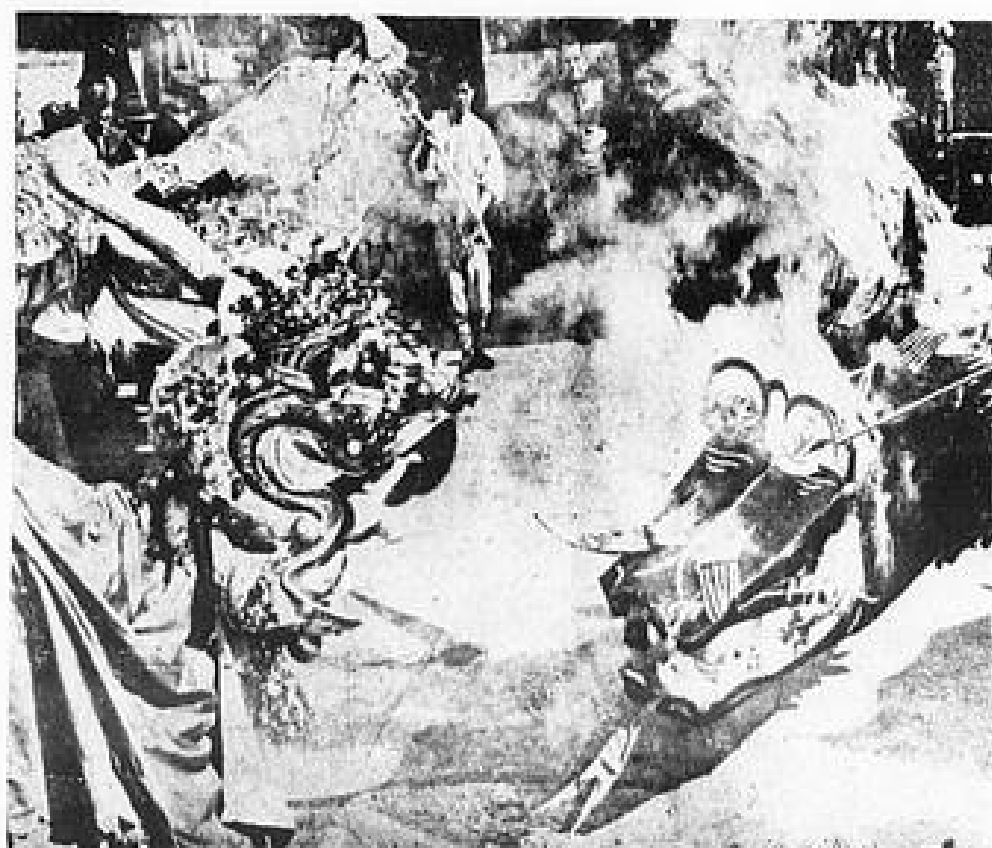
Sir Charles Wilson, fotografado em companhia do Tenente General Macready, a bordo do H. M. S. "Duque de York".

Quando se considera a necessidade de apressar toda essa produção numa base de 24 horas diárias todos os dias da semana, tem-se então uma idéia da valiosa contribuição do operário americano.

A mobilização do trabalho industrial nos Estados Unidos, pela complexidade e vastidão de seus elementos, sobretudo num país que sempre procurou viver em paz e para a paz.

Mas, quando o ritmo de sua produtividade começa a atingir o máximo da sua capacidade, tudo quanto se tem feito na Alemanha e Japão, mesmo com a escravização da mão de obra, ficará muito aquém, em medida de comparação.

O esforço do trabalho americano, além das facilidades técnicas de que dispõe, tem para animá-lo a consciência de um operário que não é apenas simples fator na produção; ele é parte inte-



Em Los Angeles, Califórnia, destruição de uma das casas nipônicas dos chamados Dragões.

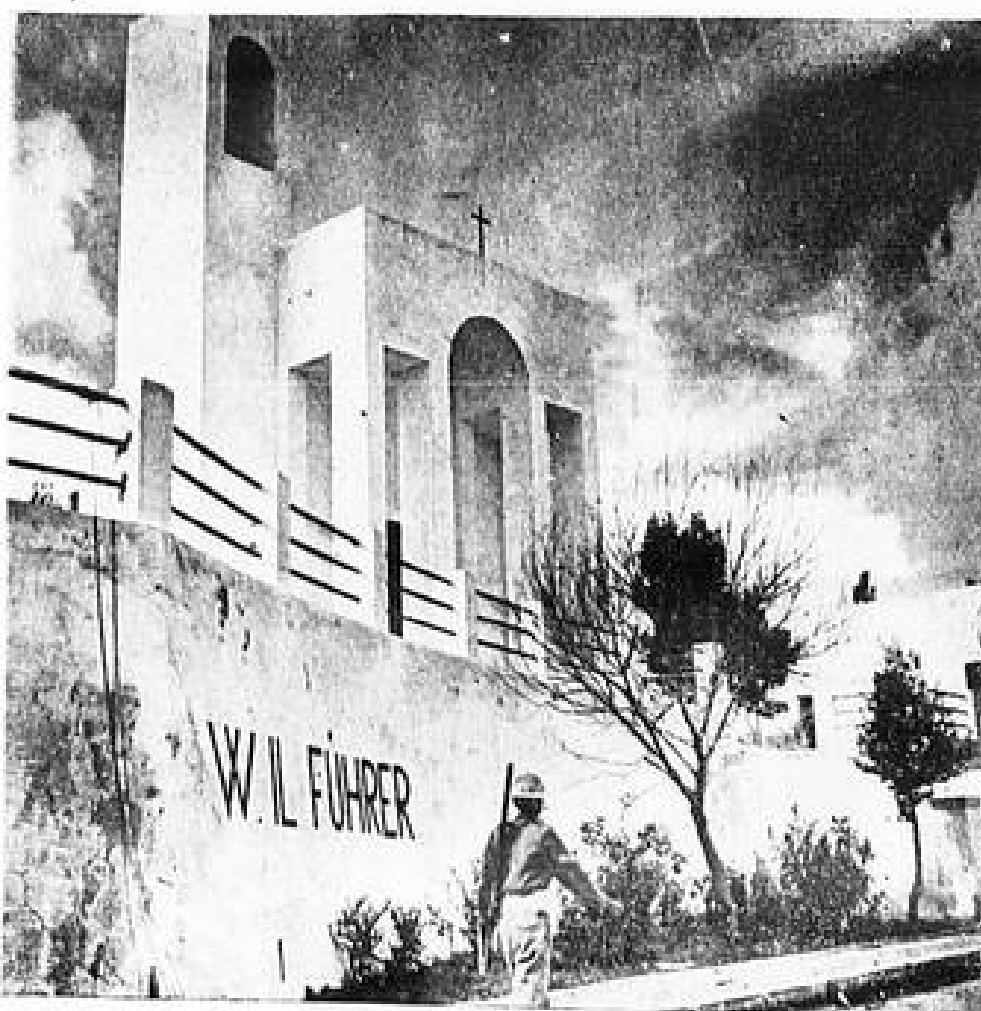
grante dos valores econômicos da nação, é um homem livre e agora, mais que ninguém, sabe compreender a necessidade de trabalhar para a sua própria vitória.

Cerca de cinco milhões de operários de ambos os sexos encontravam-se na produção de guerra em fins de 1941. Mais de milhão e meio já se achavam a esse tempo em adiantado estado de adestramento, através dos cursos especiais que o governo sabiamente, de há muito havia estabelecido. Essa habilitação de operários prossegue agora intensamente, abrangendo considerável número de especialistas.

A atitude do trabalhador americano em face da presente situação, resume-se eloquentemente no telegrama enviado pelo conselho executivo da União dos Operários da Indústria de Automóveis, do CIO, composta de 600.000 sócios, a Sir Walter Citrine, secretário de Congresso Britânico de Unões Trabalhistas:

"A lógica inflexível dos acontecimentos reuniu finalmente as nações democráticas do mundo numa causa comum. Devemos agora mantermo-nos unidos e sacrificarmos-nos juntos até a queda da tirania e do totalitarismo. O objetivo tem de ser alcançado a todo custo. Fica certo de que os trabalhadores Norte Americanos manter-se-ão firmes com os trabalhadores da Grã-Bretanha e suas aliadas, em sua determinação de prosseguir, até que todas as potências do Eixo sejam completamente derrotadas."

Vinte e seis nações acham-se constituídas em formidável frente única contra os elementos do Eixo. Em firme demonstração de seu propósito, esse expressivo conjunto de nações alia-se para levar ao extremo a luta que marcará decisivamente a vitória total.



Reconquista da Cirenáica, vendo-se uma Igreja com uma inscrição nazista.

O acordo assinado em Washington em princípios de Janeiro, e que foi denominado "Declaração das Nações Unidas", é mais que mera expressão de solidariedade e unidade de pensamento. É um documento histórico que encerra a determinação de 26 nações livres, constituindo considerável maioria de habitantes de todos os continentes, aliados agora na maior esforço bélico jamais registrado nos anais da história.

Quasi dois terços da população da terra, disposta de mais de dois terços do seu potencial econômico e militar, acham-se congregados e empenhados a levar a cabo a destruição do Hitlerismo e tudo mais que o termo encerra.

Cada uma das nações signatárias desse eloquente pacto, expressa a sua firme resolução de considerar a vitória contra o inimigo comum, fator essencial para a defesa da vida, da liberdade, da independência e do livre culto, assim como para a preservação do direito e da justiça em seu próprio território nacional e no de outras nações. Firmam-se ainda todas no propósito de recusar qualquer proposta de recusar qualquer proposta de armistício ou de paz em separado.

Estabelece-se assim a frente única solidária no objetivo de exterminar da face da terra a prática hedionda da força bruta

como princípio de superioridade nacional. Essa luta gigantesca que ora se alastra ao redor do mundo, veio em menos de um mês depois de atingir o Hemisfério Ocidental, encontrando na união de 26 nações, a resposta mais adequada à negação da liberdade que a nefasta aliança de Hitler pretende impor aos povos livres.

A primeira assinatura afixada ao documento foi a do Presidente Roosevelt. A seguir, assinou o Primeiro Ministro Winston Churchill, da Grã-Bretanha, que havia atravessado o Atlântico especialmente para a momentosa conferência em Washington, da qual resultou a solidificação do formidável bloco estratégico das nações livres em guerra contra o eixo.

Outras nações deram imediatamente sua valiosa adesão à declaração, ficando a mesma com a participação de nove Repúblicas Americanas, China, Rússia, Domínios Britânicos, Holanda e governos de outras nações, expelidos de seus respectivos territórios pela força brutal da agressão.



Civis russos enforcados pelos bárbaros para serem prensados, afim de extrair de seus corpos gordura indispensável à lubrificação.

A declaração ficou à disposição de qualquer outra nação que queira aderir ao magistral plano estratégico estabelecido para assegurar a unidade de ação na luta de extermínio contra a tirania nazista.

Bases ficaram delineadas para a colaboração de após-guerra, com adesão das nações unidas, aos princípios da Carta do Atlântico, constante dos oito pontos formulando os objetivos comuns expostos anteriormente pelo Presidente Roosevelt e Primeiro Ministro Churchill.

Na Carta do Atlântico, que estabelece a estrutura para a paz universal, as nações signatárias acentuam o fato de não procurarem nenhum alargamento territorial ou predomínio político; não desejarem modificações territoriais que não estejam de acordo com a vontade livre das respectivas populações atingidas; respeitarem o direito de todos os povos de escolher a sua própria forma de governo; respeitarem a liberdade de comércio; reconhecerem a necessidade de melhorar-se as condições de trabalho, e promoverem o reajustamento econômico e social; garantirem a paz e a liberdade, afastando a preocupação do temor; garantirem a liberdade dos mares e promoverem o desarmamento dos agressores.

As Nações Unidas têm um potencial militar de mais de 56.000.000 de homens, entre 18 e 35 anos de idade — o dobro das reservas das nações do Eixo. Além disso, a sua superioridade incontestável em recursos naturais e matérias primas, asseguram-lhes um formidável manancial de material bélico capaz de satisfazer a todas as necessidades da luta pela vitória final.

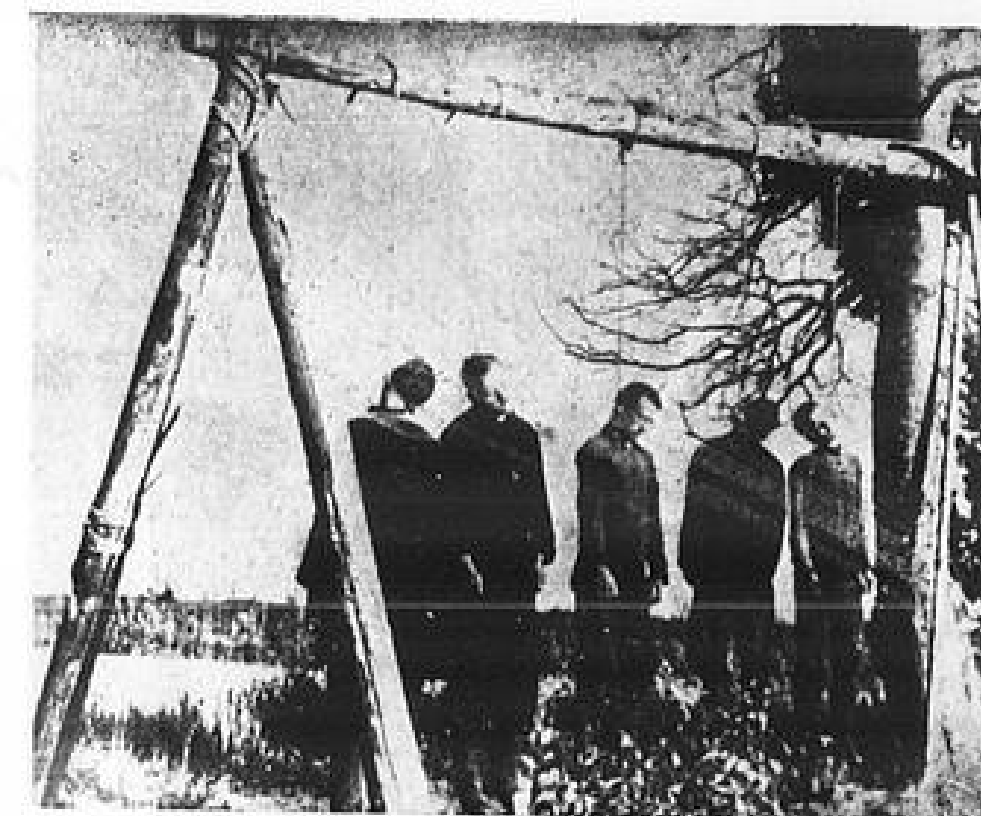
Um fator de vital importância em determinar a duração da guerra, é a rapidez com que todo esse vasto volume de recursos pôde ser mobilizado para seu uso na frente única.



Chegada de um comboio aliado a Malta.

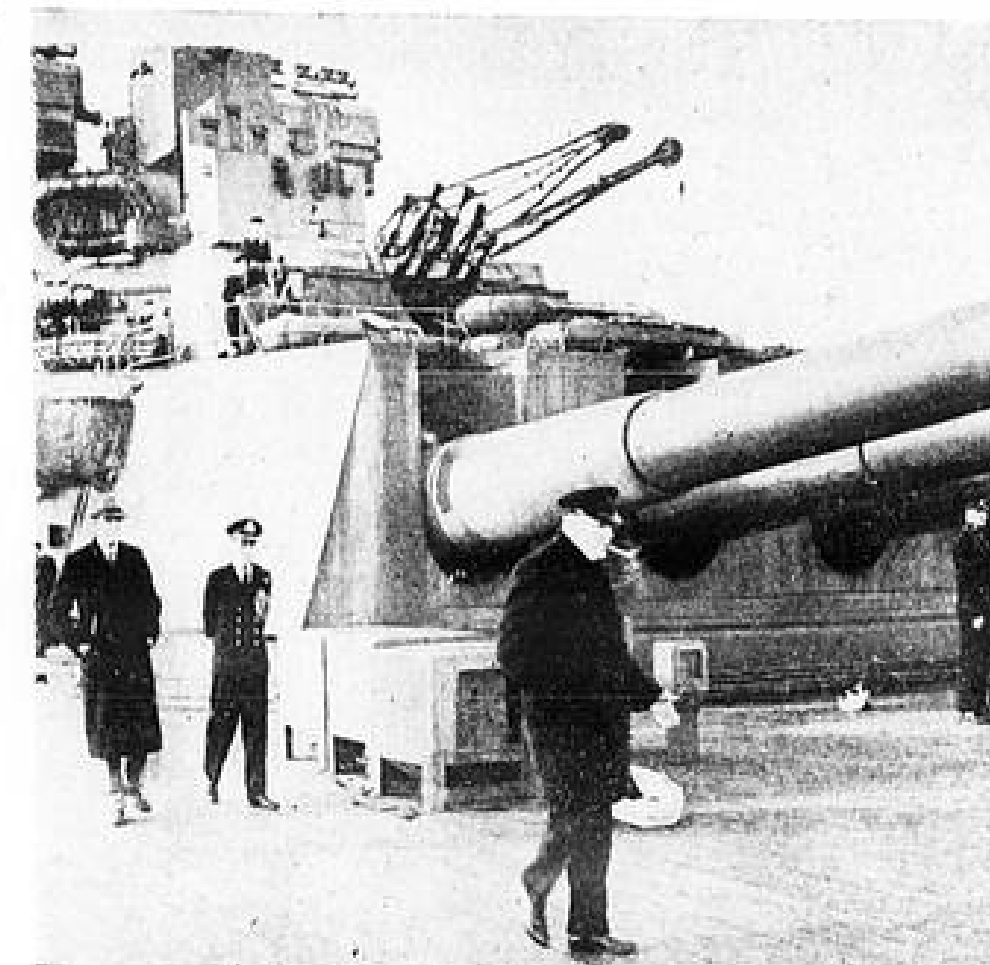
Malaio destruindo as plantações de borracha, para que não caiam em poder dos amarelos nipônicos.

Chegada de um transporte de tropas a Malta.



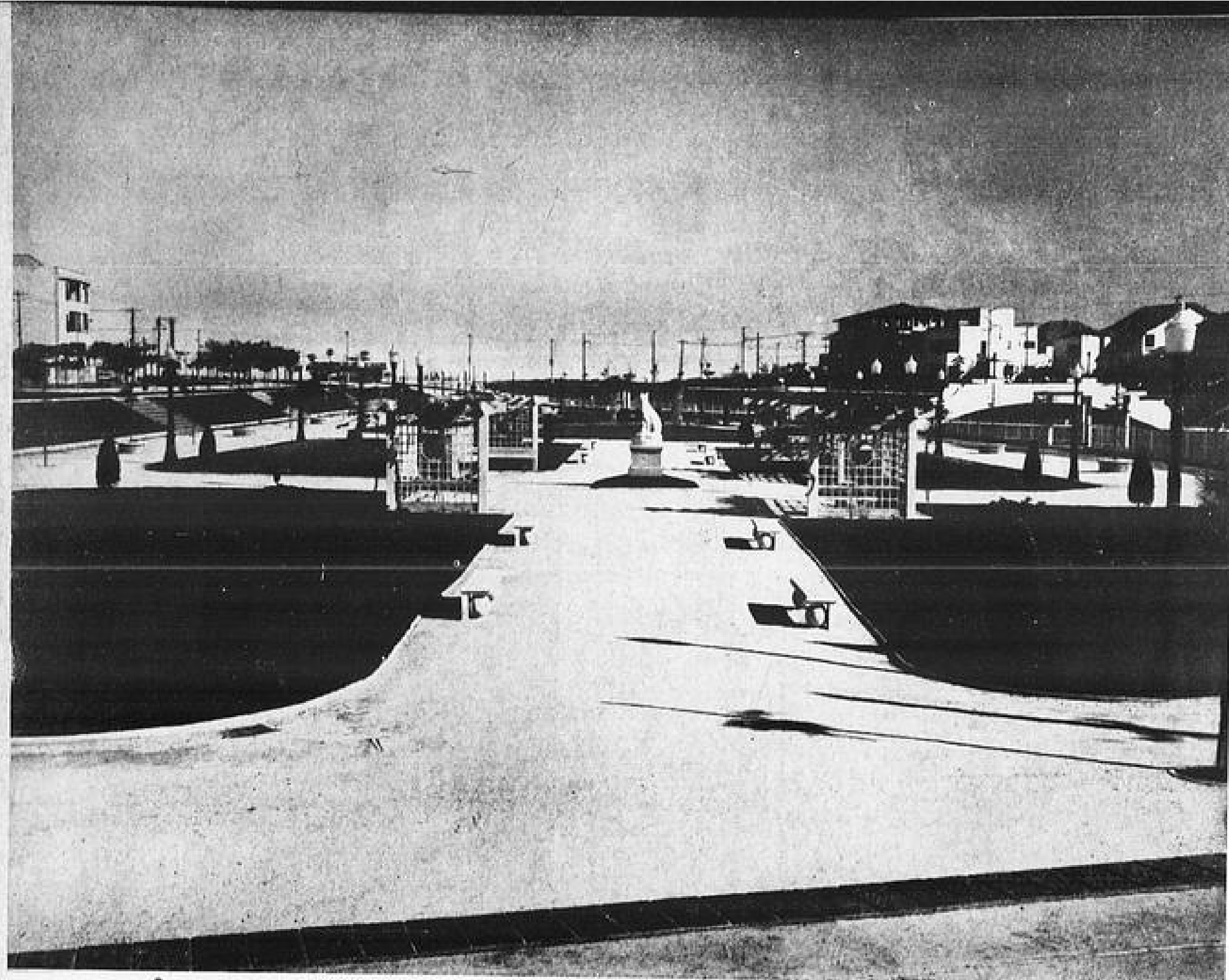
Outro grupo de civis russos enforcados pelos selvagens do Exército Alemão.

Dominando considerável parte desses recursos acham-se os Estados Unidos e as demais nações do Hemisfério Ocidental. E a mobilização, que já se encontra em pleno progresso, atinge dia a dia fantásticas proporções.



Churchill a bordo do "Duque de York".

Nos Estados Unidos, a indústria de guerra está se mantendo em operação contínua, transformando rápida e eficiente-



Avenida Epitácio Pessoa.

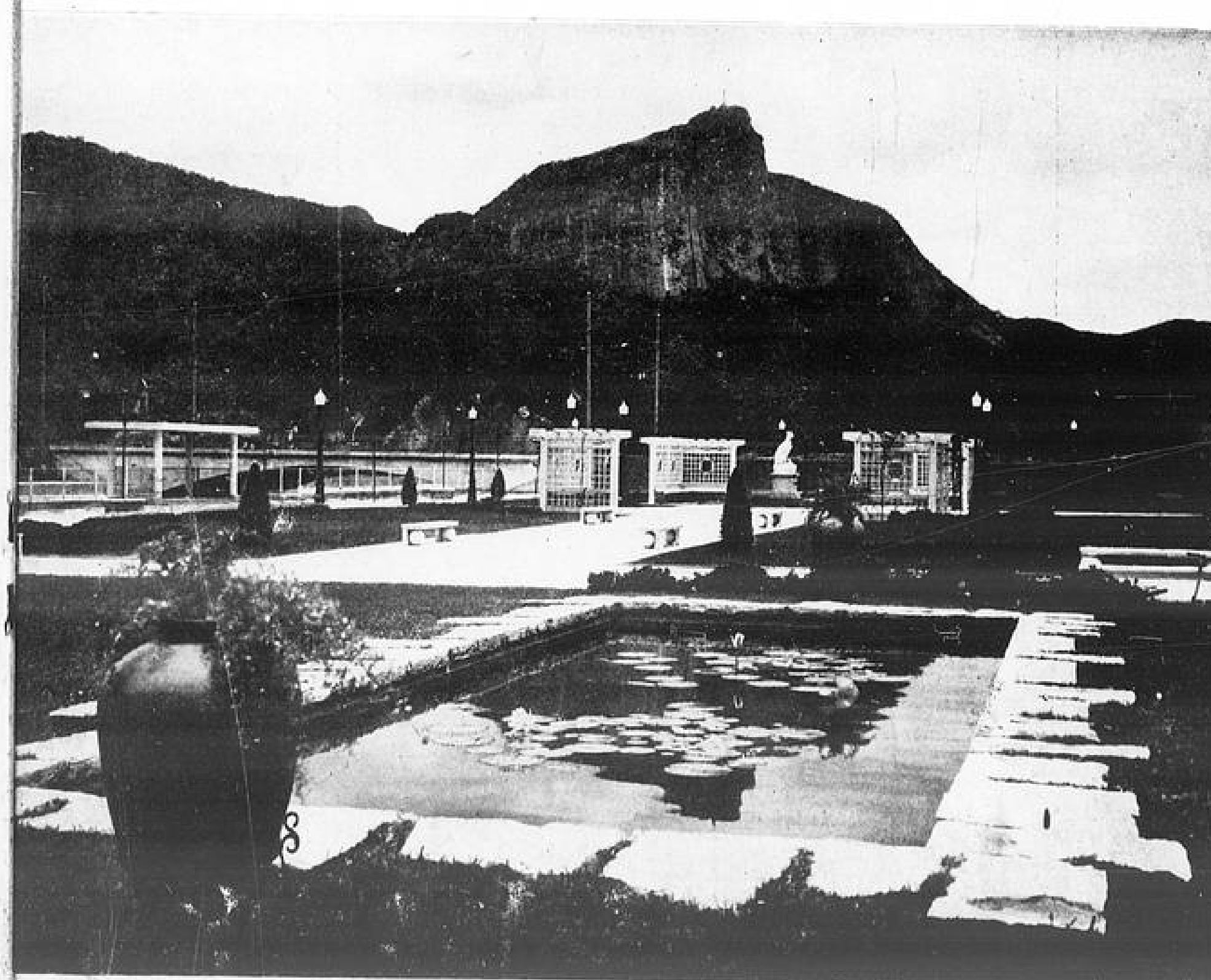


O cão, monumento à fidelidade, num canto do majestoso parque.

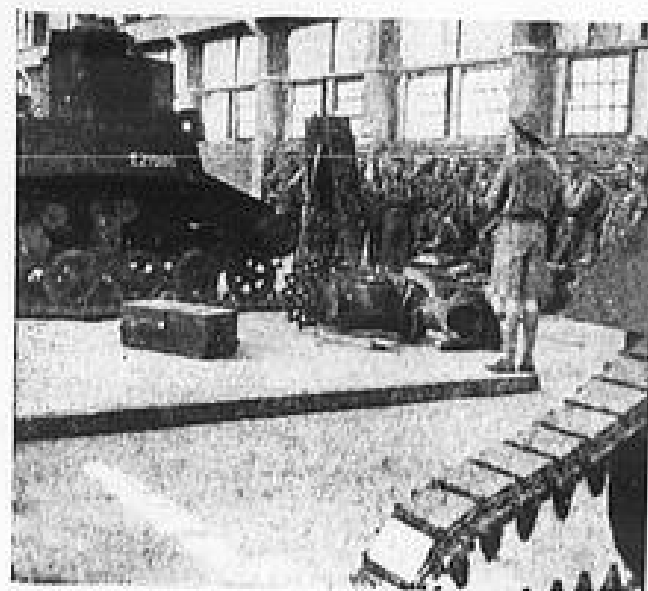
LINDO RECANTO DO RIO



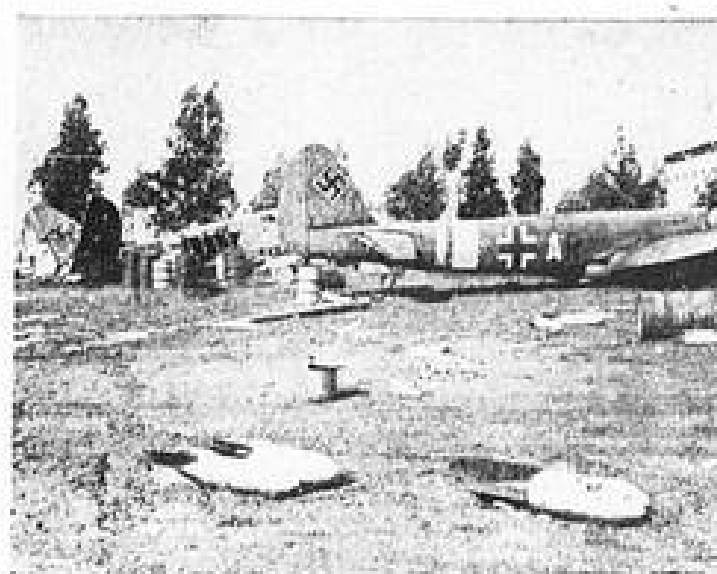
Canal da Lagoa Rodrigo de Freitas.



Um aspecto do Jardim, vendo-se ao fundo o Corcovado.



Atividades americanas; uma Escola de motorização.



Reconquista de Benghazi. Aviões inimigos no aeródromo de Benina, perto de Benghazi, e algumas bombas.



A tomada de Benghazi. A triunfante entrada das forças britânicas.

temente em armas e munições, produtos estratégicos do próprio país, e de todos os pontos do continente americano.

A valiosa solidariedade continental, expressa entusiasmamente por todas as Repúblicas Americanas, tem servido para animar com espontâneo interesse a tremenda tarefa de consolidar-se em bases firmes, a reação ao insólito desafio da tráfada encabeçada por Adolf Hitler.



Efeitos do Bombardeio pelos Ingleses, em Bardia.

A contribuição dos americanos do norte para a efetivação da vitória, é realmente gigantesca. Em sua mensagem especial ao Congresso a 6 de Janeiro, o Presidente Roosevelt expôs clara e sucintamente a situação do país. E referindo-se ao organismo da guerra, para o ano fiscal a começar em 1 de Julho próximo, fixou-o em 56 bilhões de dólares, ou seja mais da metade da renda nacional estimada, e equivalente a ... \$427,48 para cada habitante do país.

A maior parte destes bilhões de dólares destina-se ao enorme programa armamentístico, que está a exigir nos milhares, canhões, aviões, tanques e navios, com os quais "será dada a sem tréguas ao inimigo, esteja ele onde estiver."

Do novo programa consta a construção de

- 1) 60.000 aviões em 1942, inclusive 45.000 de combate; em 1943, 125.000, com 100.000 aviões de combate.
- 2) 45.000 tanques em 1942; 75.000 em 1943.
- 3) 20.000 canhões anti-aéreos em 1942; 35.000 em 1943.
- 4) 8.000.000 de toneladas de navios mercantes em 1942; ... 10.000.000 em 1943.

"Que ninguém diga que isso é impossível", declarou o presidente. "Tem de ser feito — e nós assumimos essa responsabilidade".

"Esses dados e outros semelhantes, correspondentes a inúmeros outros apetrechos de guerra, darão aos japoneses e nazistas uma idéia do que conseguiram com o ataque de Pearl Harbour. Só por meio dessa escala de produção total poder-se-á apressar a vitória final total. A rapidez é fator importante."



Vista da Baía de Willenstad e Emmastd, na Ilha de Curaçao.

O Presidente afirmou que as forças americanas assumiriam posições defensivas ou ofensivas, conforme as circunstâncias, nas Ilhas Britânicas, em vários pontos do Extremo Oriente, em todos os mares, e ajudariam a garantir o Hemisfério Ocidental e bases fora do Hemisfério, capazes de serem usadas para um ataque às Américas.



Instantâneo da campanha na Líbia. Construção de tricheiras em Halfaya.



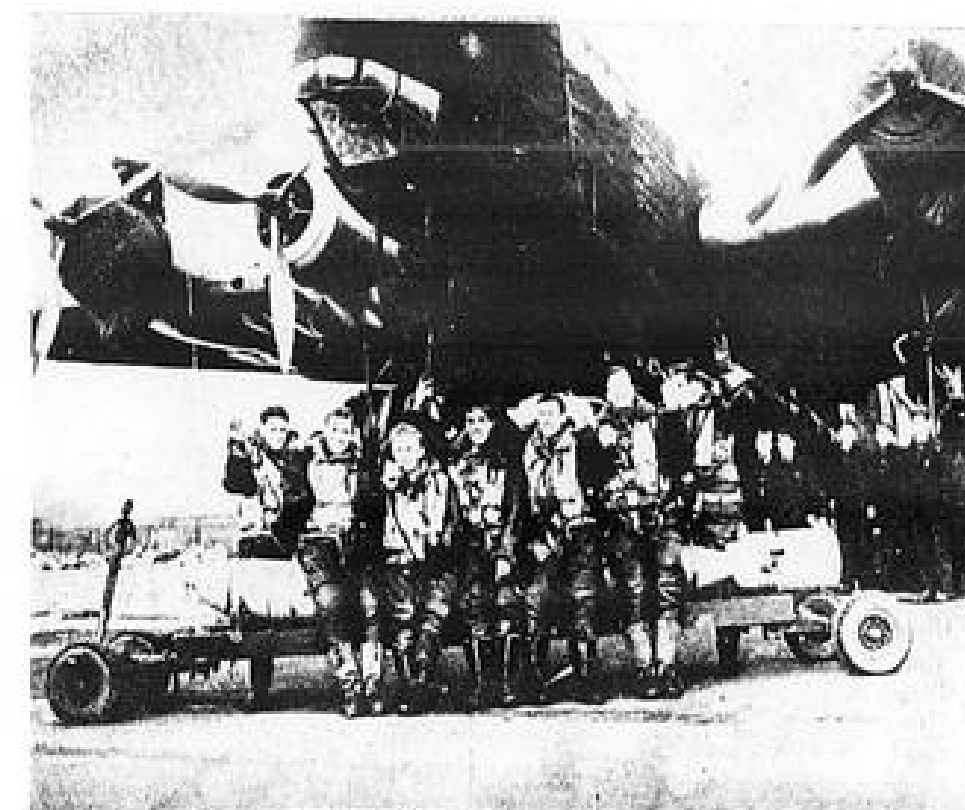
Sapadores e mineiros indianos quando minavam uma ponte perto de Kuala Lumpur.



Mocas da Ilha de Singapura, engarrafando suco de frutas.

Acentuando o fato de não poder ser a guerra levada a efeito sob um espírito defensivo, o Presidente Roosevelt declarou que "...levaremos o nosso ataque ao campo inimigo", e que a guerra terminará "quando nós a fizermos terminar, mercê de nossos esforços, força e determinação, conjugadas para lutar e trabalhar até o fim, isto é, o fim do militarismo na Alemanha, Itália e Japão. Nós, decididamente, não nos satisfaremos com menos."

"Os militaristas de Berlim e Tóquio iniciaram esta guerra. Ela há-de terminar pela força coligada da massa da humanidade em justa indignação."



Guarnição de um moderno bombardeiro inglês.

E referindo-se acerca da frente única estabelecida pelas Nações Unidas, declarou o Presidente:

"Não nos bateremos em guerras isoladas, cada nação de per si. As vinte e seis nações estão verdadeiramente unidas — não em espírito e resolução, como também no prosseguimento da guerra em todas as suas fases."

O primeiro mês da guerra trouxe notáveis ganhos e alguns reveses importantes para os Estados Unidos.

Num espírito de intenso patriotismo e união, a nação inteira reuniu-se num esforço bélico sem precedentes, e que começou imediatamente a produzir resultados.



Fabricas de artefactos de borracha destruidas pelas Forças Britânicas em Malaya.

As forças americanas, colocadas em situação desvantajosa, no começo, em virtude da traiçoeira forma de agressão japonesa, conseguiram, contudo, consideráveis sucessos contra o inimigo, no Extremo Oriente.

Em outras zonas da guerra, armamentos americanos contribuíram para a furiosa ofensiva britânica contra as forças do Eixo na Líbia, e para as contínuas derrotas que os russos vêm infligindo aos exércitos alemães, ultimamente.

O conflito no Extremo Oriente centralizou-se principalmente na desesperada tentativa do Japão para dominar o sul do Mar da China, a fim de dispôr de acesso às matérias primas sem as quais a indústria japonesa não poderia sustentar uma guerra prolongada contra as forças das Nações Unidas.

A captura de Hong Kong pelos japoneses, no início das hostilidades não deixou de ser prevista. A dificuldade de defender as Filipinas contra um ataque em massa, era também um fato reconhecido.

A heróica resistência oposta por americanos e filipinos, e o pesado sacrifício imposto aos invasores, com a perda de considerável número de homens e material bélico, excedeu realmente a todas as expectativas.

A não ser por esporádicos ataques em navios mercantes, após o assalto aéreo de Pearl Harbour, o Pacífico este tem estado livre de hostilidades. Os japoneses não dispõem de bases a distância suficiente para permitir extensivas operações neste lado do oceano. E mesmo com a completa supremacia naval do Pacífico, teriam eles extrema dificuldade para dirigir ataques consideráveis contra a costa americana ou contra o canal do Panamá.

A estratégia nipônica era clara. Seu objetivo essencial era alcançar rapidamente os depósitos de petróleo, ferro, borracha, estanho e outros materiais de guerra da Malásia e das Índias Orientais Holandesas, antes que forças superiores pudessem reunir-se para impedir a invasão daquela área.

Hong Kong e Manilha proporcionaram pontos de apoio para o sul, mas o principal obstáculo ao acesso às matérias primas que o Japão tem que ter para sustentar a guerra, achase mais além, em Singapura, a grande base naval britânica.



O Almirante Sir Wilbraham Ford cumprimentando seu sucessor o Vice Almirante Sir Ralph Leatham.

que é a chave mestra do controle da parte do sul do Mar da China.

De Sasebo, a mais próxima grande base naval japonesa, a Singapura, são 2.700 milhas, distância longa de mais para manterem os japoneses vulneráveis linhas de comunicação.

Do resultado da luta nos mares do sul depende a duração da guerra, isto é, se é possível a derrota japonesa em tempo relativamente curto, ou se poderá o Japão obter matérias primas bastantes para prolongar as hostilidades. Mas nenhuma luta inicial tem sido decisiva relativamente ao resultado final, ou tem diminuído a certeza da vitória final das Nações Unidas.

Os japoneses têm pago caro por toda fração de território invadido: várias unidades de sua esquadra foram afundadas ou avariadas, numerosas perdas de aviões, considerável número de baixas, e material bélico destruído em grande quantidade.

A estratégia nipônica, entretanto, é falha quando se considera a necessidade de formidável força de todas as armas para manter inexpugnável todo território conquistado a distâncias tão grandes do centro de operações e abastecimentos.

Porque cada dia, cada semana que passa, mais toma corpo a congregação de recursos gigantescos inteiramente à disposição das Nações Unidas, e capazes de levar a todos os pontos da dominação japonesa, inclusive o seu próprio território nacional, o efeito de um ataque sem tréguas e insuportável.

As consequências da mobilização da indústria americana para a produção de guerra, já estão fazendo sentir-se no apressamento das forças combatentes, no ar, em terra e no mar.

Nação pacifista, entregue às cogitações e afazeres relativos ao seu progresso e ao progresso da própria humanidade em geral, os Estados Unidos não mediram esforços para resolver pacificamente quaisquer possíveis diferenças com o Japão. Este, insuflado pela louca miragem nazista, preferiu precipitar

os acontecimentos, valendo-se da traição, do fator surpresa, na sua tática desesperada para remover obstáculos imediatos e ver-se triunfante em seus propósitos.

Para contrapor a essa tática, que também produz resultados falaciosos, os Estados Unidos valem-se agora de outro fator — tempo — no qual se verá o Japão emaranhado em suas próprias maquinacões, enquanto da gigantesca produção industrial americana saírem os elementos que, fatal e inexoravelmente irão reduzir a sua insignificância a audácia da dominação nipônica e de todo o seu Eixo.

Não há-de ser em vão que 26 nações se congregam para decidir pelas armas os destinos do mundo, obscurecidos pela ameaça de vassalagem do predomínio nazista. Da ação coordenada dessas 26 nações e de outras mais que certamente se aliarão à causa, em solidariedade moral ou material, decorrerão efeitos que darão outra face às relações internacionais futuras.

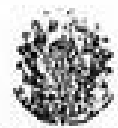
O apóio moral que representa a espontânea solidariedade do povo americano em face da agressão japonesa, tem um valor que é completamente desconhecido das nações do Eixo. Unam-se em aceitar o repto e aplicar o castigo que a perfídia merece, todos conjugam seus esforços para esse fim, certos da tremenda potencialidade de seus recursos, e da extraordinária expressão de sua causa.

Os reveses de início servem apenas para demonstrar a grandeza e significação da luta, nessa obra de regeneração dos valores do direito e da justiça.

Da brutalidade de uma guerra em que seus iniciadores procuram esgotar todos os recursos da perfídia humana, haveria de certamente manifestar-se a reação de todos os espíritos bem formados, dispostos a encarar em causa comum todas as consequências desastrosas que significariam para o mundo a restauração de velhas tiranias extintas, sob o escárnio de uma "nova ordem".

A "Declaração das Nações Unidas", por ter sido firmada em terras do Novo Mundo, encerra também a expressão dos ideais que aqui se têm concretizado em grandiosas conquistas de liberdade, fraternidade e cultura humanas.

O espetáculo da união dessas 26 nações não poderia ter encontrado melhor cenário que o formado pela solidariedade das nações do Novo Mundo. Delas é um exemplo único na história, e que vem aumentar a supremacia das Nações Unidas para alcançar a vitória, e rasgar para o mundo novos horizontes, como só os povos livres podem idealizar.



ESTADO DE ALAGOAS
SECRETARIA DO INTERIOR, EDUCACAO E SAUDE
D. E. - BIBLIOTECA PUBLICA

Maceió, 11 de fevereiro de 1942

Nº 23.

Exmo. Senhor:

Apreço-me levar ao vosso conhecimento que em virtude do Decreto 2.702 de 16 de outubro de 1941 do Governo de Alagoas, foi incorporado ao Estado como órgão de serviço público, a Biblioteca Pública Municipal.

Acusando o recebimento da vossa gentil oferta, cumpro-me comunicar a V. Excia que a conceituada revista "Mensagem de N. S. Menina", passou a constituir-se patrimônio desta casa de educação pública.

Na convicção sincera que a Biblioteca Pública Estadual continuará a merecer a vossa privilegiada atenção, sirvo-me de ensejo para apresentar a V. Excia os meus protestos de estima e consideração, fazendo votos pela vossa felicidade pessoal.

Janio Menezes da Silva
JANIO MENEZES DA SILVA
Auxiliar de Bibliotecário

At Exmo. Sr.

Dom Carlos Duarte Costa

D.D. Bispo de Maura e Diretor da revista M. de N. S. Menina
RIO DE JANEIRO.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

Federação das Academias

O Sr. Desembargador Carlos Xavier, Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, recebeu das senhoras e senhorinhas que compõem a escol feminina da próspera cidade de Propriá, no Estado de Sergipe, a mensagem seguinte:

"Exmo. Sr. Des. Carlos Xavier Paes Barreto, Digníssimo Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil".

As senhoras e senhorinhas abaixo firmadas, conterrâneas do escritor e acadêmico Dr. Luiz José de Costafilho, membro da Academia Sergipana de Letras e de Academias de Letras de outros Estados, como também de Associações diversas, européias e americanas, se movimentam pela justa e louvável idéia de ser o referido intelectual, que nasceu nesta cidade a que honra por sua inteligência, homenageado com uma palma ou coroa simbólica de bronze, que traduzirá o reconhecimento e o louvor de seus patrícios ao mérito literário contido numa vasta obra cultural, que vai da Poesia à História, da Cátedra à Tribuna, do Jornalismo ao Direito e à Novelistica. As senhoras e senhorinhas sub-firmadas, se ufanam da grande honra de elegerem V. Ex., notável intelectual brasileiro, vulto eminente da nossa Pátria e das nossas Letras, para fazer entrega desta nossa mensagem espontânea, leal e jubilosa, em sessão do alto cenáculo que preside brilhantemente, ao nosso querido conterrâneo acadêmico Costafilho, ato e favor que esperamos da sua magnanimidade proverbial.

Respeitosas saudações.

Cidade de Propriá, Estado de Sergipe.

19 de Fevereiro de 1942.

Tirzah d'Ávila Silveira, Elisabeth Torres Costa, Floripes Oliveira Dorea, Helga Thereza de Britto, Helida Thereza de Britto, Delfina Menezes Tavares, Maria Lucia Menezes Tavares, Luci Batista, Maria da Conceição Sousa, Benevenuta Prudente Sousa, Maria da Gloria Prudente, Cyra Britto Seixas, Serafina Campos Schoucair, Maria José Resende, Aldacy Marques Leite, Maria Rute Costa Wynne, Otilia Graça Leite, Maria Julieta Doria Guimarães, Zelia Dore a Guimarães, Maria da Conceição Silva, Maria de ourdes Feitos, Maria das Dores Silva, Zoraide Chaves de Britto, Otilia Teixeira de Carvalho, Zúlia Silva, Haydê Cabral Henriques, Maria Zita Chaves, Maria José Chaves Costa, Zoé Chaves Costa, Maria de Lourdes Chaves, Ana Chaves, Laura Melo, Odete S. Ramos, Rejane Valente, Lourdes Valente, Noemi Cavalcanti, Iolanda Guimarães Mores, Maria Guimarães Carvalho, Maria de Lourdes Monte Guimarães, Maria Yêda Monte, Cicera Costa, Amalia Costa, Anita Dantas, Anna de Figueiredo Guimarães, Elba Aguias, Maria Doria, Lucia Goes, Cordelia Leite, Ligia Graça Leite, Neli Henriques, Anita Britto, Lídia Silva, Ynés Lima, Maria Celita Leão, Dahea Matos, Maria Pureza Santana, Odete Feitosa, Laura Almeida Amorim, Sonia Freire Cabral, Beatriz Seixas, Alsira Pereira, Carmelita Seixas, Ana Vieira Moura, Erminia Leite Moura, Lucilia Vieira Moura, Mirian Vieiras, Ana Rodrigues Melo, Marita Tavares, Rosinha Tavares, Guimar Tavares, Teresinha Sousa, Dipy Carvalho Cruz, Tereza Dantas, Cecília Bravo Silva, Janice Ferreira Bravo, Lilita Cury, Carmosina Silva, Beatriz Silva Leite, Helia A. Lima, Antonia Ferreira Melo, Candida Lima, Celuta Lima, Helena Melo, Nubia Oliveira.

O Dia da Oração

ORDENADO PELO PRESIDENTE ROOSEVELT, comemorado pelos Americanos e Ingleses na Capela de Nossa Senhora da Piedade, na Rua Marques de Abrantes. No púlpito, está o Padre Conor, Superior dos Missionários da Salette e Capelão dos Americanos e Ingleses.

Estavam presentes o Embaixador Caffery, o Embaixador Noel Charles, o Prefeito do Distrito Federal, altas autoridades etc.



Sociais



Estando Maria Mãe de Jesus, desposada com José, antes de coabitarem, aconteceu que ela havia concebido por virtude do Espírito Santo. E José, seu esposo, como era justo e a não quisesse infamar, resolveu deixá-la secretamente. E, pensando ele nisto, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria tua mulher; porque o que nela se gerou, é obra do Espírito Santo. E dará à luz um filho; o chamarás pelo seu nome Jesus: porque ele há de salvar o seu povo dos seus pecados (Math. 1, 18-21).

ANIVERSÁRIOS:

Março:

- 1 — Eva Menezes Magalhães.
- 2 — Maria Cecília, filha do Cap. Afonso Emilio Sarmento e vêa.

de D. Zuila de Andrade Sarmen-

to. — Dagmar Gouvêa.

4 — Laura Franco.

6 — Guiomar Hollinger Pinto de Oliveira.

— Dr. Portela de Azevedo, acadêmico educador, membro da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, da Sociedade de Geografia do



Rio de Janeiro, do Instituto dos Professores Públicos e Particulares e do Instituto de Tecnologia e Indústria da América do Sul.

8 — Carolina Pinho de Castilho.

— Cecília Maia.

— Armandinho, filho do Cap. Antonio Negreiros de Andrade Pinto e de D. Maria de Lourdes de Andrade Pinto.

11 — Nair Lavrador.

12 — Maria José Ramos Gouvêa.

13 — Coronel Manoel Maria de Castro Neves.

18 — Cacita Castilho de O' de Almeida.

21 — Renato, filho de D. Altiva Sprenger Costa e Silva.

22 — Maria Augusta de Castilho Freire.

25 — Manoel Andrade, pai do nosso companheiro de trabalho Sr. João de Andrade.

26 — Elza Müller dos Reis Pinto.

29 — Luiz Adão, filho do Sr. Jorge Quitanilha.

30 — Margarida Maria César de Albuquerque.

31 — Maria Augusta Vital Albuquerque.

ANIVERSÁRIOS DE CASAMENTOS:

Março:

5 — Sr. Roberto Gomes de Souza e Alda Barbosa de Souza.

CASAMENTOS:

Março:

7 — Na Paróquia do S. Coração de Jesus, realizou-se o casamento do Comte. José Franco com a Exma. Sra. Maria Luiza Passos Couto Barroso.

14 — Na Matriz do Sagrado Coração, receberam-se em matrimônio o Sr. Milton de Araujo e a Senhorita Wanda Lourenço.

CRISMAS:

Na Capela de N. S. Menina, foram crismadas:

11 — Oscar Melo e Souza.

22 — Maria Luiza Ribeiro Gonçalves.

24 — Ruth Funchal.

27 — Herminia Clara Salmi.

Março:

16 — Ilka Maria Queiroz.

— Beatriz Queiroz.

22 — Marilene Fernandes Costa.

— Sueli Fernandes Costa.

Mobiliária "ROSÁRIO" Ltda.

Grande e permanente exposição de MÓVEIS Modernos e de Estilo, sólidos e garantidos, Tapeçarias e Congoleums. — Especial sortimento de Móveis para Escritórios.



Vendas á Dinheiro
PREÇOS SEM
RIVAL

VENDAS A PRAZO
SÓ PELO AUMENTO DE 1 %
AO MÊS.

RUA DO ROSÁRIO, 140

Teleph. 23-5674

RIO DE JANEIRO

Dr. Doralécio Walcacer

ADVOGADO

Inscrito na Ordem dos Advogados do Distrito Federal, aceita causas cíveis, comerciais e criminaes.

Escritório

RUA BUENOS AIRES, 17-1.º

Sala 11 — Telefone 43-6098

Maria Carlota Duarte Silva Costa

Mãe é um sol que sempre aquece!

Muito bem diz Alves (Mendes): "Como o sol, ela é luz, calor, fecundidade. Como o sol alumia, aquece, alegre, move, alenta, expande, acaricia, seduz, fascina, alrai. O que é o sol perante os astros, é — o a mãe perante os povos — o ponto cêntrico da vida, a fonte da família, a chave da sociedade".

Uma nuvem toldou, ofuscou, por completo, o brilho. E não há mais luz, calor, fecundidade. E nada mais triste do que as provações da orfandade. A mãe é o paraíso do filho nesta terra. Nada mais próximo do amor de Deus, do que o amor de mãe.

Dois mistérios, que nunca compreenderemos:

Um, a paixão com que Deus ama as suas criaturas!

Outro, o amor de mãe!

E quando esta mãe é elevada por Deus á dignidade de mãe de um sacerdote, de um bispo, recebendo graças extraordinárias para desempenhar o papel de anjo tutelar, então é que o mistério mais se eleva, porque o filho foi sagrado Cristo, para a salvação das almas, das sociedades, das repúblicas, dos reinos, dos impérios: SACERDOTE ALTER CRISTUS! Como Maria foi elevada á Mãe de Deus, na aceitação da maternidade; assim a mãe do sacerdote, na ordenação sacerdotal e na sagração episcopal, torna-se a geradora de um sacerdócio fecundo e mãe de todos os sacerdotes existentes na diocese, onde o filho desenvolve o pastoreio da salvação das almas.

Isto é o que foi a minha mãe!

Nasceu ela no dia 20 de Janeiro de 1851, na antiga cidade de Desterro, hoje, Florianópolis, Estado de S. Catarina. Foi a primogênita de um varão, cheio de virtudes e de uma piedade encantadora, sobretudo, pela devoção á Paixão de Nosso Senhor, fazendo, diariamente, o exercício da Via Sacra, Carlos Duarte Silva, e de uma mãe que sabia temperar as doçuras do amor materno com a energia na formação do caráter de seus filhos, Maria Leopoldina Marques Guimarães Duarte Silva. Quando chegou de Roma seu irmão, o Padre Eduardo Duarte Silva, mais tarde Dom Eduardo Duarte Silva, Bispo de Goiaz e primeiro Bispo de Uberaba, tão grande foi a alegria de seu pai que, oferecendo um jantar aos amigos, ficou tão comovido que veio a falecer.

Dom Pedro Maria de Lacerda, então Bispo do Rio de Janeiro, chamou para perto de si o Padre Eduardo Duarte Silva, o fez Cônego da Capela Imperial e Capelão de S. Majestade o Imperador. Em 1891, renunciando Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti o Bispado de Goiaz, foi eleito Bispo de Goiaz o Cônego Eduardo Duarte Silva, que estava em Roma e lá foi sagrado.

No dia 15 de de Julho de 1882, na Igreja do Sacramento da Antiga Sé, Maria Carlota Duarte Silva Costa contraia matrimônio com João da Mata Francisco da Costa, natural também de S. Catarina, da família Costa, que deu á Pátria homens ilustres como Quintino Francisco da Costa e Álvaro Francisco da Costa.

Dêste matrimônio nasceram José, Eduardo, Noêmia, Carlos e Argentina.

O José é um anjinho que foi esperar a todos no céu. Eduardo seguiu a carreira militar, morrendo muito moço, com 26 anos, na Inglaterra, como Sub-Maquinista Naval. Noêmia casou-se com o Capitão Eliczer Henrique da Costa, já falecido. Carlos é quem escreve estas linhas. E Argentina é casada com Aristides Vieira Machado.

"Ideal Supremo" é uma carta de D. Inez Serrano, escrita á Maria Carlota Duarte Silva Costa, quando da sa-



gração episcopal de seu filho. Transcrevemos, porque deve fazer bem a muitas mães brasileiras:

"Ser Mãe de um Bispo é a maior honra a que uma mulher pôde aspirar na terra.

Ser Mãe de um Padre é a realização de um Ideal Supremo. O Padre é um intermediário sublime entre Deus e os homens; é o Tesoureiro do Grande Rei Divino; o Procurador da criatura junto ao Criador. É o homem que matou a carne em benefício do espírito e se elevou da terra, nas asas da mortificação, pelos degraus da penitência. Ser Padre é ser amigo querido de Deus, é ser na terra, o Embaixador da Pátria Celestial. Ser Padre é divinizar a Humanidade; é, sendo homem, tornar-se anjo; é ter a posição mais elevada na escala social; é viver na terra com os olhos fixos no Céu.

E a Sra. é mãe de um Padre que é Bispo.

E pôde receber das mãos desse filho que é seu Pastor e Pai, o Deus a quem a Sra. o entregou na firmeza de sua fé, na pureza de seu amor. Deus não recebe sem pagar centuplicadamente.

A Sra. já está paga do presente que fez ao Todo Poderoso: tem a insigne honra de ser Mãe de um Padre que, hoje, é um Bispo.

Aceite as minhas sinceras felicitações, e que as pétalas de rosas de Teresinha caiam em chuva perfumada sobre a fronte do jovem Levita a quem a Sra. tem direito deabençoar e de quem pôde receber a bênção episcopal".

E ela partiu deste mundo, no dia 18 de Março, confortada com a absolvição dada pelo seu filho!

Teve noção exata da virtude, porque soube ser a mulher forte do Evangelho.

Bem posso dizer dela: Amaste a Justiça e odiaste a iniquidade, por isso te ungiu Deus, o teu Deus com óleo de alegria.

Miseráveis!...

Desarticulada a poderosa trama dos "quinta-colunistas" pela atividade policial do Distrito Federal e S. Paulo, aos bons brasileiros compete colaborar com as altas autoridades da República, para aniquilamento completo do nazismo fascismo e imperialismo nipônico, dentro do território nacional.

Desconfiemos de todo e qualquer elemento estrangeiro e temos razão de assim proceder, verificado, como está, o trabalho nocivo ao país de estrangeiros que, tendo vindo para o Brasil crianças, aqui feito fortuna, acompanham ideologias de sua mãe-pátria, com verdadeira paixão até ao ponto de trair a nossa Pátria, na hora mais difícil por que ela passa.

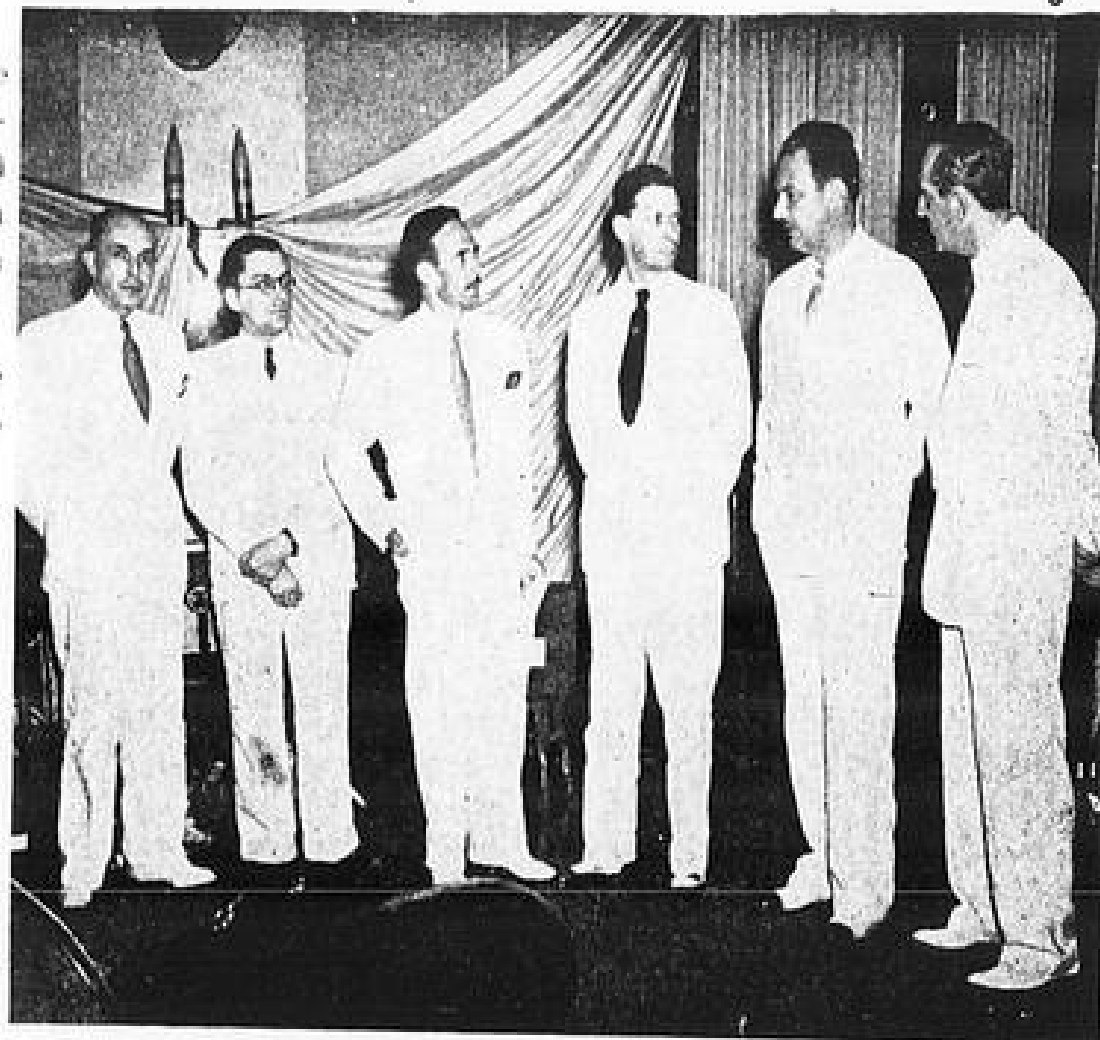
Pomos dos primeiros a levantar a nossa voz abertamente contra as atrocidades nazi-fascistas e, então como hoje, não podemos compreender como possam membros do clero, religiosos e católicos, formar fileira entre aqueles que desejam a vitória da Alemanha, sendo essa vitória, não da nação alemã, mas do nazismo, expressamente condenado pelo Santo Padre Pio XI.

E como está em jogo o bem estar da nação brasileira, que sempre defendeu os ideais cristãos, nesta hora, deixemos de lado amizade, coleguismo, sacrifiquemos tudo, para o triunfo completo, e o mais rápido possível, das nações que defendem os princípios democráticos, dentro da fé cristã.

Estejamos todos unidos, governo e governados, para inutilizarmos a ação dos estrangeiros que vivem dentro do território nacional, e dos maus brasileiros, que são os "quinta-colunistas". É nosso dever denunciá-los à polícia. Assim seremos dignos desta grande Pátria. Nesta hora, todos devemos estar atentos, considerando-nos policiais do imenso terri-

tório nacional, onde estão todos os tesouros espirituais, morais, representados pela nossa fé e nossas famílias.

Desconfiando dos elementos estrangeiros, coloquemo-nos dentro de um nacionalismo puro, sem perda do senso cristão.



S. Ex. o Sr. Dr. Vasco Leitão da Cunha, Ministro da Justiça, em visita à Chefatura de Polícia, entre o Major Felinto Muller e o Capitão Batista Teixeira

Colégio Pan-Americano

Internato e Externato

(Oficializado)

Professorado competente — Preço para todas as posses — Educação e instrução esmeradas — ÓTIMO CLIMA.

CURSOS: Primário, Admissão, Artes femininas. Concursos do D.A.S.P.

PROCURADORIA: Nosso "Escritório Técnico Educacional" incumbe-se de preceptorar estudantes cujos pais não estejam no Rio; fazer matrículas ou transferências para qualquer escola; responder consultas s/ensino; registrar, validar ou regularizar diplomas; legalizar colégios e professores, tudo mais que se relacione com o ensino.

Pensionato: Recebemos ginásianos em pensionato.

RUA MIGUEL FERNANDES, 44 - Méier

Tel. 29-1155 — Rio de Janeiro

Oração

à

Santa

Maria

Madalena

Alba Cañizares



Santa Maria Madalena. Fotografia de um quadro célebre do pintor Miguel Navarro y Cañizares.

Maria, ó minha Santa Madalena,
Que o infundo amor proclamas por Jesús
Nestes teus olhos postos sobre a cruz,
Neste pranto de inconsolável pena...

Por este terno amor, ó Madalena,
Por esta lágrima, que à face luz,
Que a tragédia do Gólgota traduz,
Oh! fala-me de Deus... daquela cena,

Em que beijaste os pés do Salvador...
Tu, que "escolheste a melhor parte," ó Santa,
Tu, que o Evangelho narra e exalta a história,

O' tu, que "muito amaste", dá-me o amor
Do teu sentir a flama sacrossanta,
Este amor por Jesús que é a tua glória.

Os clichés do

Mensageiro de N. S. Menina

são confeccionados na fotogravura

CORREIO DA NOITE

de Libero Fasano

R. DA QUITANDA, 51-2.º

Telefone 43-4176

Os sorrisos de N. S. Menina



Naqueles dias, falou o Senhor a Isaias e lhe disse: Pede ao Senhor teu Deus que te mostre um prodígio, ou do centro da terra ou do mais alto do céu. Respondeu Acáz: Não pedirei prodígio e não tentarei ao Senhor. E disse Isaias: Ouvi, pois, Casa de Davi: Não vos basta cansar a paciência dos homens sem fatigar também a de Deus? Por isto, vos dará o mesmo Senhor um prodígio: Uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho que se chamará Emanuel. Comerá manteiga e mel para que saiba reprovar o mal e escolher o bem (Isaias - 7, 10-15).

Participaram deste mel:

RIO DE JANEIRO — Nair Lessa Guimarães, casada, residente à Avenida Geremário Dantas, 360, Jacarepaguá, agradece à N. S. Menina a cura de sua filhinha, Maria José. Estava a menina atacada de difteria o que foi confirmado pelo exame de laboratório, e não podendo fazer uso da vacina antidiférica, por ter tomado um ano antes injeção contra o tétano, pediu à N. S. Menina que a curasse e, no dia seguinte, com grande admiração do médico, as placas tinham desaparecido. Hoje, completamente restabelecida, vem agradecer a graça alcançada.

MARANHÃO — Alina Couto de Aguiar, casada, moradora em S. Luiz do Maranhão, agradece à N. S. Menina a cura de sua filhinha Maria.

RIO DE JANEIRO — A menina Geni de Vasconcelos, filha de César de Vasconcelos e Nice de Vasconcelos, residente à rua Paulo Barreto, 41, Botafogo, agradece uma graça recebida.

RIO DE JANEIRO — Maria Luiza de Souza, casada, residente à rua do Senado, 312, terraço, agradece à N. S. Menina a cura de bronco-pneumonia do Prof. Joaquim da Silva Pereira.

RIO DE JANEIRO — Teresa de Jesús, solteira, residente à Travessa Laurinda, 15, agradece à N. S. Menina a cura de Alfredo Marques e oferece 5\$000.

RIO DE JANEIRO — Soror Maria Rosa de Jesús, Superiora do Bom Pastor, no Ipiranga, em S. Paulo, agradece à N. S. Menina não ter tido consequências desagradáveis ao engulir uma espinha de peixe. Como promessa publica a graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Aracy Dias da Silva, casada, residente à rua Padre Roma, 72-c. I, agradece

ce à N. S. Menina a cura do seu sobrinho, Ocimar, de difteria, cumprindo a promessa feita de mandar celebrar uma missa em ação de graças.

RIO DE JANEIRO — Nair Abreu, casada, residente à rua Gonzaga Bastos, 30, agradece à N. S. Menina a cura de bronco-pneumonia da menina Silvia Figueiredo.

RIO DE JANEIRO — Zilah de Almeida Matos, casada, residente à rua Eulina Ribeiro, 7, agradece à N. S. Menina uma graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Celina Corrêa de Matos, solteira, residente à rua Eulina Ribeiro, 7, agradece à N. S. Menina duas graças alcançadas.

RIO DE JANEIRO — Amélia Rocha, viúva, residente à rua Felix da Cunha, 103, agradece à N. S. Menina uma graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Margarida Maria César de Albuquerque, solteira, residente à rua Professor Gabizo, 359, agradece à N. S. Menina a graça de ter ficado boa da enfermidade num pé, e a graça alcançada por sua amiga, Branca Guimarães, em favor de seu marido, curado de bronquite.

LAGUNA, Est. de S. Catarina — Dom Carlos recebeu o seguinte bilhete: "Minha sobrinha, Ilza, esteve bem doente de um dedo; fiz novena à N. S. Menina e prometi que publicaria a graça, si ficasse boa, sem precisar fazer aplicações elétricas no dedo. Alcancei a graça e peço a publicação destas linhas, em agradecimento à tão boa Mãe do Céu. Ninita".

RIO DE JANEIRO — Dom Carlos recebeu a seguinte carta: "Na sua conceituada revista 'O Mensageiro de N. S. Menina', Domitila Lemos Nunes e Stella Lemos pedem vênias para a publicação da grande graça alcançada em favor de sua mãe Ernestina Lemos, de 84 anos que, em Novembro p. p. foi atacada de bronco pneumonia e, pouco depois de um mês, de um fleumão na nádega, sendo seu estado gravíssimo. Declararam com muita satisfação que recorreram à Maria S. S. Menina, fizeram novenas, rezaram coroinhas e aplicaram a medida de N. S. Menina, recebendo a sua infinita misericórdia na cura da enferma. Verdadeiro milagre! Grande admiração dos parentes, amigos e do próprio médico! A fé e a confiança em Maria S. S. Menina imperaram durante aquela grave enfermidade, e N. Senhora acolheu com seu sorriso e doçura a súplica das filhas aflitas, dando-lhes o restabelecimento da mãe querida que também é cheia de fé. Domitila e Stella, levantando ainda os olhares para Maria S. S. Menina, pedem a sua bênção, saúde e felicidade para o bom amigo Dr. Heleno Brandão que, cheio de carinho e alta competência, dedicou seus cuidados clínicos a Ernestina Lemos. A' Maria S. S. Menina, nossa imorredoura gratidão e a firme promessa de propagar cada vez mais a sua benéfica devoção.

Exmo. Revmo. Sr. D. Carlos Duarte Costa, Bispo de Maura, aceite também os nossos agradecimentos pelas suas piedosas orações e proveitoso conforto espiritual trazido ao lar destas duas grandes devotas de Maria N. S. Menina (a.) Domitila Lemos, Stella Lemos."

A prisão de Jesús

— Fagundes Varela —

Era, porém, bem tarde. As tórvas horas
Da negra provação tinham passado;
O mistério do Horto se cumprira,
E como o lavrador que os prados rega,
Onde deve lançar vivas sementes,
Jesús regara a terra; então se ergueu,
Dizendo aos sonolentos companheiros:
— "Tudo está preparado! E, pois, agora
Podeis dormir em paz; mas vos afirmo
Que não tarda o momento da vergonha!
O traidor anda perto: o Filho do Homem
Vai ser entregue aos ímpios! Vêde, amigos!
Dolorosa verdade! "As largas folhas
Das viçosas solâneas refletiram,
Como em noites fúnebres agoiros,
Mil vacilantes fogos; os arbustos
Estalaram ao péso das passadas
De cautelosos, pérfidos magotes;
E, assustados, os tenros passarinhos
Por tão estranhos lumes, se arrancaram,
Tomados de pavor, dos ninhos quentes,
Sacudindo, das frondes do arvoredor,
Uma chuva de orvalho. A curto espaço,
Assomavam, por entre os leves ramos,
As finas pontas de lustrosas lanças,
Compridas alabardas, longas varas
E rubros fogaréus; depois... *Opróbrio!*...
A figura satânica de Judas
Apareceu à frente dos sequeiros.
Dos inimigos pérfidos de Cristo!
Manso como um irmão, como um amigo,
Aproximou-se o monstro, as mãos impuras
Da vítima infeliz lançou aos ombros,
Beijou-lhe o branco rosto, e com voz firme
Disse e afastou-se: — "*Deus te salve, Mestre!*"
— "*Judas, exclamou o Salvador, não basta
Que me ouvesses traidor? E é por um beijo,
E' por um beijo que me entregas, ímpio!*..."
E voltando-se ao povo que o cercava:
— "*Quem procurais?*" — "*Jesús, o Nazareno,*"
Responde o chefe da sinistra escolta.
— "*Eu sou!*" diz o Senhor. A malta infame
Recuou assombrada. Então, de novo
Interrogou Jesús com voz severa:
— "*Quem procurais aqui?*" "*Jesús, o Cristo,*"
Repete a multidão. — "*Sou eu, prendei-me:
Conheço vosso intento e vossos planos;
Livres, porém, deixai meus companheiros,
Que nenhum seduzi, nem fiz culpado!*"



Calou-se o Redentor, mas Simão Pedro
Simão Pedro, o singelo e franco amigo
O lhano sócio, o dedicado servo,
As afrontas prevendo e os vis insultos
Que o Mestre ameaçavam, se enfurece,
Puxa da espada que trazia e, lesto,
Como a chispa sutil da pederneira,
Corta uma orelha a desgraçado assecla
Dos sanhudos tiranos. — "*Pedro, Pedro,*"
Exclamou o Salvador, triste e sentido,
Cumpre esgotar o cálice de angústias
Que me ofertou meu Pai! Guarda essa espada,
Que o sangue me horroriza!" E a mão levando
Ao lugar da ferida, uniu a orelha,
E o servo ficou são qual dantes era.
Então feroz tribuno e vil coorte,
Rudes e miseráveis quadrilheiros,
Bando voraz de pérfidos abutres,
Lançaram-se ao Senhor, com duras cordas
Arrocharam-lhe os pulsos. Seus amigos,
Tomados de terror, se dispersaram...

MODAS

Jeannette

Chapéus
e
Vestidos

RUA GONÇALVES DIAS, 55
TEL. 22-6353
5.º andar — (Elevador)
RIO DE JANEIRO



Elegante vestido, próprio para a estação.



Belo modelo para passeio, com franzidos na blusa e na saia.



Vestido de meia estação, formando a blusa bonito recorte.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

FOLHETIM

SANTA BERNADETTE

Versão de A. Peixoto do Amaral

A VIDA PÚBLICA

Livro I

Bernadette e as Aparições

(Continuação)

"Eis o estado em que nos encontramos e nada disto veríamos em Lourdes, si os pais da menina tivessem seguido os conselhos dos médicos, que os convidavam a mandar a doente para o hospital.

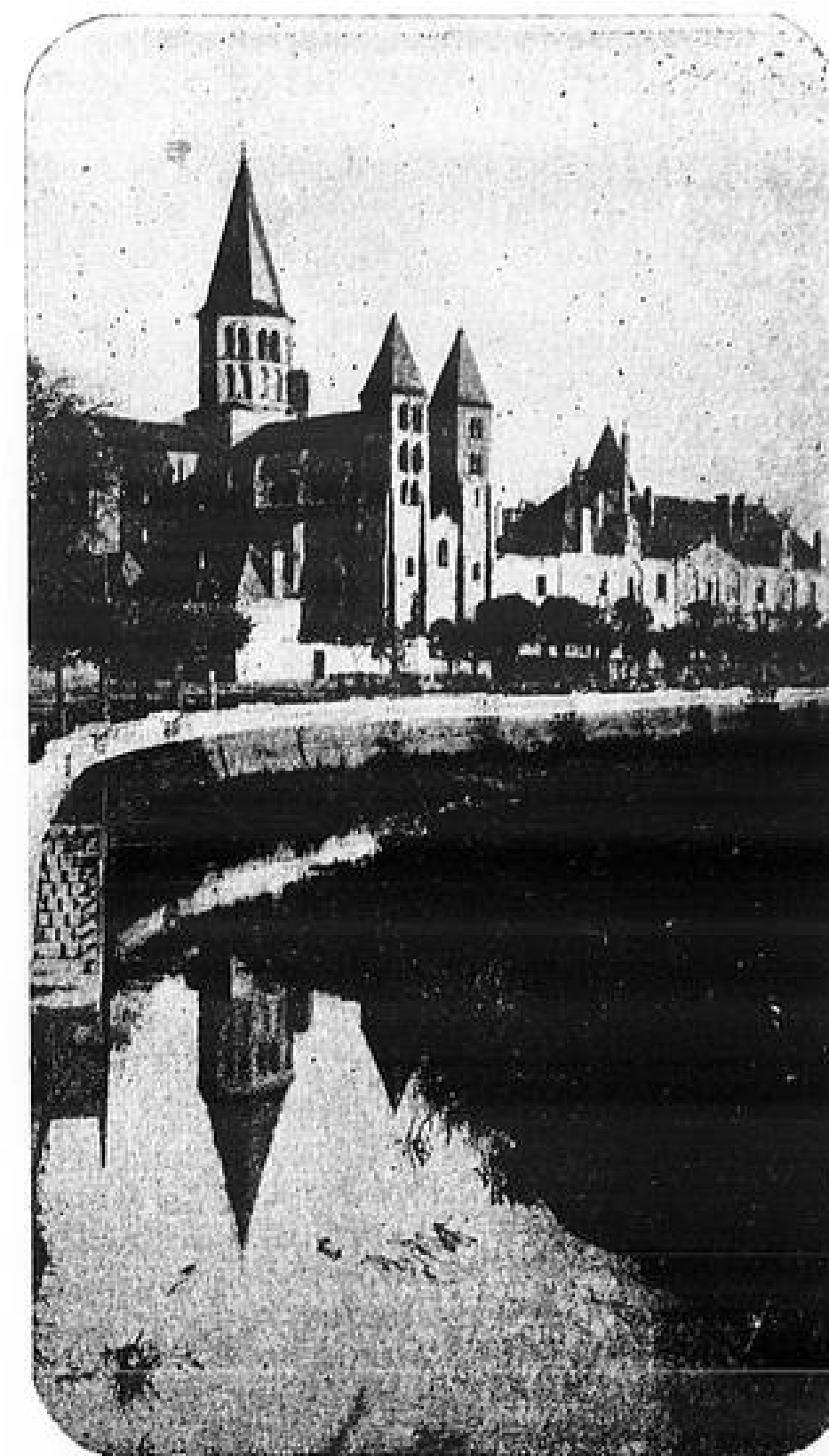
"Ora é importante fazer notar que nenhum médico tinha até esse tempo dado tal conselho. Era um simples balão de ensaio lançado pela folha administrativa. Depois de ter inventado estas fábulas, o pio e judicioso escritor alarmava-se em nome da razão e da fé:

"E' essa a opinião de todas as pessoas sensatas, que têm sentimentos de verdadeira piedade, que respeitam e amam sinceramente a religião, que consideram como perigosíssima a mania das superstições, e que têm por princípio que não se devem admitir fatos na categoria de Milagres, senão depois da Igreja se ter pronunciado".

Esta fé devota, esta genuflexão final corôa dignamente a notável diplomacia, que tinha ditado este trabalho. São essas as fórmulas ordinárias de todos os que entendem reduzir à estreita medida dos seus pequenos sistemas o lugar que a Deus compraz tomar neste mundo. Quanto à última afirmativa, apresentada como um princípio sobre a questão dos fatos milagrosos, será preciso dizer que eles se impõem por si próprios, como todos os fatos, e que tiram o seu caráter, não da Igreja, que apenas os reconhece, mas do próprio Deus, cujo poder diretamente os produz? A decisão da Igreja não cria o milagre, confirma-o; e sobre a autoridade no seu exame, e da sua palavra, os fiéis crêm. Mas nenhuma lei, nem na ordem da fé, nem na ordem da razão, impede que os cristãos, testemunhas de um fato manifestamente sobrenatural, reconheçam por si próprios o seu caráter miraculoso. A Igreja nunca exigiu dos crentes essa abdicação da sua inteligência e do seu senso comum. Reserva apenas para si o direito de se pronunciar em último recurso, e eis tudo.

"Parece que até aqui — terminava o artigo em questão — nada se tem passado que fosse julgado digno pela autoridade religiosa de uma séria atenção."

Enganava-se nesse ponto o diretor do jornal administrativo, como o leitor já sabe, pelo decurso desta narração. Todavia a sua observação, preciosa pelo menos nesse ponto, verificava para o futuro e para a história, que o clero tinha sido absolutamente estranho aos acontecimentos que se estavam pas-



sando, e que esses acontecimentos continuavam a cumprir-se, fora da sua alçada e da sua intervenção.

Colocado no próprio centro dos acontecimentos, o pobre *Lavedan*, jornal de Lourdes, sentindo-se esmagado pelos fatos, havia-se calado completamente. E o seu silêncio devia durar muitas semanas. Não dizia uma só palavra acerca dessas coisas inauditas, dessa grandíssima afluência do povo ao lugar dos acontecimentos. Dir-se-ia que era redigido na outra extremidade do mundo e enchia apenas as suas colunas de fatos estranhos e de artigos extraídos daqui e dali das folhas públicas, e dirigidos contra a superstição em geral.

Depois de passado o último dia da quinzena, tinha Bernadette voltado várias vezes à gruta, mas um pouco como toda a gente, isto é sem ouvir dentro de si própria essa voz interior que irresistivelmente a convidava.

Essa voz ouvi-a de novo na madrugada de 25 de março e tomou logo o caminho das Rochas Massabielle. O seu rosto radiava de esperança. Sentia dentro do coração que o Paraíso ia mais uma vez abrir as suas portas eternas diante dos seus olhos encantados, e tornava a ver a celeste Aparição.

Como bem se pôde julgar, ela havia-se tornado objeto da atenção geral, na cidade de Lourdes, e não podia dar um passo sem ser o centro de todos os olhares.

— *Bernadette vai à Gruta!* — exclamavam de todos os lados, vendo-a passar.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

E num instante, saindo de tôdas as casas, acorrendo por todos os atalhos, a multidão precipitou-se na mesma direção, e chegou ao mesmo tempo que a criança.

No vale, a nave havia derretido, desde a véspera ou desde a antevéspera, mas coroava ainda os cumes dos montes adjacentes. O tempo estava claro e formoso. Nem uma só toldava o azul do vasto firmamento. O Astro Rei parecia nascer a essa hora no seio dessas brancas montanhas, e fazia resplandecer o seu braço de neve.

Era o aniversário do dia em o Anjo Gabriel havia descido para a puríssima Virgem de Nazaré, e a tinha saudado em nome do Senhor. A Igreja celebrava a festa da Anunciação.

Enquanto que a multidão corria para a Gruta, notando-se entre ela a maior parte das pessoas curadas, como eram Luiz Burriette, a viúva Croat, Braz Soupenne, Benedita, Cazeaux, Augusto Bordes e muitos outros, a Igreja Católica, no fim do seu ofício matinal, cantava estas palavras espantosas: "E então os olhos dos cegos serão abertos, as orelhas dos surdos recobrarão o ouvido, o coxo saltará como um veado, porque as águas terão surgido no deserto, e as torrentes na solidão. (Brev — III lic. 1.ª noct. da festa da Anunciação).

O pressentimento alegre que Bernadette experimentou não havia enganado. A voz que a chamara, era a voz da Virgem fiel.

Logo que a criança caiu de joelhos, manifestou-se a Aparição. Como sempre, radiava em torno dela uma auréola inefável, cujo esplendor era sem limites, cuja doçura era infinita. Era a glória eterna na paz absoluta. Como sempre o seu véu, e o seu vestido de caslas pregas tinham a alvura das neves brilhantes. As duas rosas que floriam sobre os seus pés tinham a cor amarela que tem a base do céu, aos primeiros clarões da aurora virginal. O seu cinto era azul, como o firmamento.

Bernadette, em êxtase, tinha esquecido a terra, perante a Beleza Imaculada.

— *Ó minha Senhora* — lhe disse ela — *quereis ter a bondade de me dizer quem sois, e qual é o vosso nome?*

A real Aparição sorriu-se, e não respondeu.

Mas nesse mesmo momento a Igreja universal prosseguindo as solenes orações do seu Ofício exclamava:

"Santa e Imaculada Virgindade, que louvores te poderei dar? Não sei, em verdade, porque trouxeste encerrado no teu seio Aquele que os Céus não podem conter."

Bernadette não ouvia essas vozes longinquas e não podia suspeitar essas harmonias profundas. Diante do silêncio profundo da Visão, insistiu, e replicou:

— *Ó minha Senhora, quereis ter a bondade de me dizer quem sois, e qual é o vosso nome?*

A Aparição pareceu radiar mais, como si a sua alegria fosse aumentando, mas nada respondeu ainda à pergunta feita pela criança. Mas a Igreja, em toda a cristandade, continuava as suas invozações e os seus cânticos, e havia chegado a estas palavras:

"Felicitai-me, vós todos que amais o Senhor porque, sendo ainda criança, fui amada pelo Altíssimo"

mo e nas minhas entranhas foi gerado o Homem-Deus. As gerações me proclamam bemaventurada, porque Deus se dignou lançar o seu olhar sobre a sua humilde serva: e de minhas entranhas maternas, foi gerado o Homem-Deus."

Bernadette repetiu a sua súplica:

— *Ó minha Senhora, quereis ter a bondade de me dizer quem sois, e qual é o vosso nome?*

A Aparição parecia entrar cada vez mais na glória bemaventurada; e, como concentrada na sua felicidade, continuou a não responder. Mas, por uma coincidência inaudita, o côro universal da Igreja fazia estrondear a essa hora um cântico de alegria e pronunciava o nome terrestre da Aparição maravilhosa. *"Ave Maria cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre todas as mulheres!"*

Bernadette renovou ainda uma vez o seu pedido, em voz suplicante:

— *Ó minha Senhora, quereis ter a bondade de me dizer quem sois, e qual é o vosso nome?*

A Aparição tinha as mãos erguidas com fervor, e o rosto inundado da radiação esplêndida da infinita beatitude. Era a Humildade na Glória. Assim como Bernadette contemplava a Visão, esta, sem dúvida, contemplava, no seio da Trindade divina, Deus Padre de quem ela era a Filha, Deus Espírito Santo, de quem era a Espôsa, e Deus Filho, de quem era Mãe.

A última pergunta da criança, separou as mãos, fazendo passar para o braço direito o rosário de fio de ouro, com contas de alabastro. Abriu então os braços, inclinando-os para a terra, como se lhe quisesse mostrar as suas mãos virginais, cheias de bênçãos. Depois, elevando-as para a eterna região, de onde desceu, em igual dia, o Divino Mensageiro da Anunciação, juntou-as fervorosamente e olhando para o Céu, com o sentimento de uma indisível gratidão, pronunciou estas palavras:

— *Eu sou a Imaculada Conceição.*

Mal disse estas palavras desapareceu e a criança encontrou-se, como a multidão, em face de um rochedo deserto.

Ao lado dela, a milagrosa Fonte, caindo por uma caleira de pau no seu tanque rústico, fazia ouvir o murmúrio sossegado das suas ondas.

Era no dia e à hora, em que a Santa Igreja entoava no seu Ofício o hino magnífico: *"Ó Glória das Virgens!"*

*Ó Glória Virginum
Sublimis inter sidera.*

A Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo não havia dito: *"Eu sou Maria Imaculada"*. Ela disse apenas: *"Eu sou a Imaculada Conceição"*, como para assinalar o caráter absoluto, o caráter até certo ponto substancial do divino privilégio que só a Ela foi concedido, desde que Adão e Eva foram criados por Deus. Foi como si ela quisesse dizer, não: *"Eu sou pura"*, mas: *"Eu sou a própria Pureza"*; não: *"Eu sou Virgem"*, mas: *"Eu sou a Virgindade viva e incarnada"*; não: *"Eu sou branca"*, mas: *"Eu sou a própria Brancura"*.

Uma coisa branca pôde deixar de o ser, mas a brancura é sempre branca. E' a sua própria essência, e não a sua qualidade.

DR. SANTOS LIMA

MÉDICO E DENTISTA



Muitas doenças dependem exclusivamente do mau estado de sua boca, consulte o especialista Dr. SANTOS LIMA — Rua S. José, 85

Sala 210 — Tel. 42-2179

Da Capela de N. S. Menina

A Capela de N. S. Menina é na residência de Dom Carlos Duarte Costa, Bispo Titular de Maura.

Rua Oto de Alencar, 20. Fone: 28-7823.

Todos os dias, inclusive os domingos, Missa, às 7 horas.

Todos os sábados, terço, ladainha, bênção do Santíssimo e de Nossa Senhora, às 8 horas da noite.

Na véspera da primeira sexta-feira de cada mês, terço, ladainha, Hora Santa, terminando com a bênção do Santíssimo, às 8 horas da noite.

Nos domingos, dias santos e nas primeiras sexta-feiras de cada mês, a bênção é em seguida á Missa.

No dia 8 de cada mês, às 7 hs. — Missa pelos benfeitores vivos e defuntos, em seguida a bênção do Santíssimo.

Mensageiro de N. S. Menina

Registrado no D.I.P. sob o número 10.584

Administração
CAPELA DE N. S. MENINA

Redação:

Rua Oto de Alencar, 20 — Fone 28-7823

Escritório:

Rua da Constituição, 10 - 1.ª — Fone 22-7368
— Rio de Janeiro —

Sucursal-S. Paulo

Rua Libero Badaró, 314 - 3.ª - Sala 3

Fone: 3.3855

Proprietário e Diretor:

Dom Carlos Duarte Costa (Bispo de Maura)
Revista Mensal Ilustrada, de caráter católico,
educativo e social, inspirada na devoção de
"NOSSA SENHORA MENINA"

ASSINATURAS:

Capital Federal (12 números)	20\$000
Nos Estados (12 números)	30\$000
Número avulso	2\$000
Número atrasado	4\$000

